

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação Física



“NATAÇÃO PARA BEBÊS: o que está sendo feito nas academias do município de Campinas–SP”

Monografia apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel
em Educação Física modalidade Treinamento
Esportivo.

Sandra Regina Gonçalves de Moraes

**Campinas
1998**

TCC/UNICAMP
M791n



1290002068

Sandra Regina Gonçalves de Moraes

NATAÇÃO PARA BEBÊS: o que está sendo feito nas academias do município de Campinas –SP.

Orientador: Prof. Dr. Ademir De Marco

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Educação Física modalidade Treinamento Esportivo.

Banca 1: Prof. Dr. Orival Aguiar

Orientador: Prof. Dr. Ademir De Marco

Campinas
1998

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus agradecimentos a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram, nesses seis anos de permanência na universidade, para a minha formação profissional e amadurecimento pessoal.

Em especial, agradeço aos meus pais, principalmente, pelo apoio em todos os momentos de minha vida, incentivando na superação dos obstáculos presentes na luta por uma boa formação.

Banca Examinadora:

A todos os meus amigos, com os quais compartilhei brilhantes momentos nesta fase de transformações e realizações, especialmente minha grande amiga Cinthia, que me deu força e coragem para concluir esse trabalho.

Ao professor Ademir De Marco, meu orientador, pela paciência e dedicação durante todo o processo de orientação, e pela atenção e paciência a mim dispensada através de seus ensinamentos e de sua amizade.

Orientador: Prof. Dr. Ademir De Marco

**Banca 1: Prof. Dr. Orival Andries
Junior**

Banca 2: Prof. Dr. Luis Barco

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus agradecimentos a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram, nesses seis anos de permanência na universidade, para a minha formação profissional e amadurecimento pessoal.

Em especial, agradeço aos meus pais, principalmente, pelo apoio em todos os momentos de minha vida, incentivando na superação dos obstáculos presentes na luta por uma boa formação.

A todos os meus amigos, com os quais compartilhei brilhantes momentos nesta fase de transformações e realizações, especialmente minha grande amiga Cinthia, que me deu força e coragem para concluir esse trabalho.

Ao professor Ademir De Marco, meu orientador, pelo excelente profissional que representa e pela atenção e paciência a mim dispensada através de seus conhecimentos e de sua amizade.

*Aos meus pais,
Pedro e Rosemary.
Aos meus irmãos,
Lucia e Adriano.*

RESUMO

NATAÇÃO PARA BEBÊS: O QUE ESTÁ SENDO FEITO NAS ACADEMIAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS- SP.

Autor: Sandra Regina G. de Moraes.

Orientador: Ademir De Marco.

A natação, segundo alguns pesquisadores históricos, surgiu há 3000 anos atrás, com os Gregos. Com a queda do Império Romano, ela praticamente desapareceu durante a Idade Média, mas com o Renascimento, surgem, em muitos países, as piscinas para banhos públicos. Dentro da natação existe um segmento, que é a natação para bebês. O trabalho profissional com bebês no meio aquático teria se originado em 1939, na Austrália, com a professora Mirtha McGraw. Os conhecimentos brasileiros desta área são baseados em experiências de outros países, principalmente na Alemanha, que está entre os países pioneiros na elaboração de metodologias de trabalhos com bebês no meio líquido. Apesar de pouca credibilidade e incentivo, a natação para bebês vem sendo desenvolvida há, aproximadamente 20 anos. De acordo com o desenvolvimento global da criança durante a primeira infância(0- 2 anos), ou seja, desenvolvimento físico- motor, social- afetivo e cognitivo, a prática da natação tem seus benefícios e riscos, que devem ser levados em conta pelos pais, antes que eles procurem uma academia ou escola de natação para seu filho., Pesquisa realizada no município de Campinas- SP, junto às academias e escolas de natação que trabalham com bebês, tenta mostrar qual é a situação atual dessa prática e o que está sendo feito durante as aulas. Foram apontados itens como: faixa etária, temperatura da água, duração da aula, presença dos pais...e como alguns profissionais trabalham com essas crianças. Através de entrevistas dirigidas tentamos descobrir dos pais quais os motivos que os levaram a colocar seus filhos na natação, entre outras coisas, e dos professores, como trabalham com as crianças, qual é a metodologia... A partir daí, podemos ter uma idéia do que é o ideal para ser feito e o que é real, o que está sendo feito atualmente, nesse universo da natação para bebês.

5.1- Presença dos Pais: necessária ou não?..... 35

5.2- O Medo..... 38

SUMÁRIO.

1-Introdução	1
2- Histórico	3
2.1- Definição: o que � natação para beb�es?.....	5
2.2- Importância, Benefícios e Riscos.....	6
3- Desenvolvimento Físico e Motor.....	10
3.1- Seq�ncia do Desenvolvimento Motor.....	14
3.2- Influência sobre o Desenvolvimento Físico.....	20
4- Desenvolvimento Cognitivo.....	22
4.1- O Desenvolvimento da Inteligência na Primeira Infância.....	23
4.2- Inteligência e Influências Ambientais.....	26
5- Desenvolvimento Social e Afetivo.....	29
5.1- Presenç�a dos Pais: necessária ou não?.....	35
5.2- O Medo.....	38

6- Resumo do Desenvolvimento Global de 0 à 2 anos.....	43
7- Metodologia e Pesquisa.....	54
8- Conclusão.....	67
Referências Bibliográficas.....	71
Anexos.....	74

1- INTRODUÇÃO.

O trabalho monográfico apresentado a seguir refere-se à natação para bebês.

O interesse pelo tema surgiu pela falta de informação e literatura específica a respeito do assunto, uma vez que, ao trabalhar com natação para bebês, me deparava com situações que, para resolvê-las, tinha que recorrer a outros professores, uma vez que não conhecia uma metodologia brasileira para trabalhar com bebês e com pais, no meio aquático, e muitas situações não eram solucionadas, ocasionando muitas dúvidas e até mesmo erros ao dar aula.

A partir daí esse trabalho foi-se estruturando, tendo como embasamento teórico a psicomotricidade, ou seja, o desenvolvimento global (aspectos físico/motores, cognitivos e social/afetivos) de uma faixa etária limitada, de 0 à 2 anos de idade.

Dentro dessa estrutura, separou-se um capítulo para que cada aspecto do desenvolvimento fosse melhor trabalhado.

Com esse embasamento teórico pretende-se fornecer subsídios para que, dentro do trabalho com crianças e especialmente o trabalho aquático, pais e professores possam ter noção do que a criança pode ou não apresentar em termos de evolução na aprendizagem motora, física, cognitiva e social.

Uma pesquisa de campo foi realizada para que tenhamos uma idéia mais precisa do que está sendo feito em natação para bebês, nas academias do município de Campinas- SP. Dessa pesquisa consta entrevistas dirigidas aplicadas a pais e professores em 4 academias de Campinas que trabalham

com natação para bebês, cerca de 15% das academias de natação que fornecem esse tipo de serviço no município.

Com os dados coletados, podemos ter uma visão geral do que está sendo feito com os bebês durante as aulas e, com o embasamento teórico da psicomotricidade, podemos ter também uma visão crítica da metodologia empregada atualmente pelos profissionais da área e, futuramente, criar uma nova metodologia, mais adequada à realidade brasileira.

Com a queda do Império Romano, a natação praticamente desaparece na Idade Média, pois acreditavam na proliferação de epidemias. No Renascimento, essa ideia perde sua força e surge em muitos países europeus para banhos públicos, que já existiam no Império Romano mas não eram frequentados.

A popularidade da natação durante as dinastias chinesas, os templos egípcios, as pinturas em vasos gregos e as termas de Caracalla romanas indicam as origens dessa prática esportiva, mas é da área militar, dessa época, que recebemos maiores referências, devido à grande quantidade de fatos históricos.

Dentro da natação, existe um segmento, que é a natação para bebês. Hoje sua prática está bem divulgada e já foram superados muitos mitos em relação ao parto subaquático, pois as pessoas têm mais acesso à informação e também conhecem o outro lado, ou seja, os riscos desta prática.

Os conhecimentos brasileiros desta área são baseados nos conhecimentos de outros países.

2- HISTÓRICO.

Segundo alguns pesquisadores históricos, os gregos já conheciam a natação à 3000 anos antes de nossa era.(VELASCO,1994). Tinham grande fascinação pela natação e pela corrida, que era sinônimo de beleza física.

Com a queda do Império Romano, a natação praticamente desapareceu na Idade Média, pois acreditavam na proliferação de epidemias, mas com o Renascimento, essa idéia perde sua força e surge em muitos países as piscinas para banhos públicos, que já existiam no Império Romano mas não eram tão utilizadas.

A popularidade da natação durante as dinastias chinesas, os hieróglifos egípcios, as pinturas em vasos gregos e as termas de Caracalla (Roma) nos indicam as origens dessa prática esportiva, mas é da área militar, daquela época, que recebemos maiores referências, devido à grande quantidade de fatos históricos.

Dentro da natação, existe um segmento, que é a natação para bebês.

Hoje sua prática está bem divulgada e já foram superados muitos tabus, até com relação ao parto subaquático, pois as pessoas têm mais acessos à informação e também conhecem o outro lado, ou seja, os riscos desta natação precoce.

Os conhecimentos brasileiros desta área são baseados nas experiências de outros países.

Segundo Lothar Bresges, em seu livro "Natação para o meu neném", a natação para bebês tem início desde o final do século passado, quando médicos e psicólogos do desenvolvimento se preocuparam com a natação de "lactentes", mas o trabalho profissional com bebês teria se originado em 1939, quando a professora Mirtha Mc Grau demonstrou, na Austrália, que bebês de 10 dias conseguiam realizar movimentos rítmicos na água.

Na década de 60, na Alemanha, os professores Lothar Bresges e Liselott Diem analisaram a influência da natação no desenvolvimento psicomotor das crianças a partir de 8 semanas de vida. O trabalho que desenvolviam permitia que os pais e filhos criassem, juntos, brincadeiras estimulantes dentro da piscina.

Os alemães estão entre os pioneiros na elaboração de metodologias de trabalho no meio líquido com bebês.

Para eles, o interesse residia na possibilidade de estudar as formas de movimento da criança e obter-se conhecimentos mais precisos das leis de amadurecimento do Sistema Nervoso Central.

Outras pesquisas podiam provar que a escolaridade motriz dos primeiros 22 meses de vida exerce influência na continuação do desenvolvimento motor, isto é, favorece a habilidade motora da criança. Mesmo assim, com todas essas pesquisas, a natação para bebês encontrou, até 1939 com a professora Mirtha Mc Graw, quase nenhuma atenção entre os psicólogos e pedagogos.

Apesar de pouco incentivo e credibilidade, a natação para os bebês vem sendo desenvolvida há, aproximadamente, 20 anos, no Brasil.

2.1- DEFINIÇÃO: O que é natação para bebês?

Existem várias definições que são defendidas por vários autores e o que as tornam semelhantes entre si, é que a maioria afirma que "não existe natação para bebês".

De acordo com as experiências vividas por VELASCO (1994) e por diversos fatores, como por exemplo: noções perceptivo- corporais, espaciais, temporais...ela conclui que "não há natação para bebês e sim um processo profilático e terapêutico para a sua psicomotricidade (a nível de coordenação geral e fina), para a sua saúde e seu bom ajustamento social."

Uma outra definição se encontra numa matéria publicada na revista NADAR (sem autor, ano X, N. 86, pág.19) "A natação para bebês deve ser encarada como um programa de atividades sem compromisso com a aprendizagem dos 4 nados, porque o bebê aprende a movimentar-se na água e movimentar-se na água não é nadar." O que os bebês vão aprender na piscina não é exatamente natação. Ao levá-lo à água, o pai, a mãe ou o professor devem ter em mente os benefícios naturais da atividade na água, que serão descritos a seguir.

Segundo DAMASCENO (1986), "a natação para essa faixa etária deveria ser vista como uma das formas de contribuir para o desenvolvimento global da criança, não se prendendo à cronologia e nem à resultados imediatos.

Ainda segundo DAMASCENO, "a natação para bebês é uma forma específica de uma atuação conhecida como estimulação essencial, que trata-se de uma estratégia que visa garantir o equilíbrio do desenvolvimento da personalidade infantil."

Como podemos perceber, esses diversos autores, embora tenham definições diferentes para o mesmo assunto, acabam concordando que essa palavra "natação para bebês" não é o termo mais apropriado, como afirma BRESGES, 1980: "neném não aprende a nadar. Dando-lhe oportunidade, aprende, isto sim, a fazer uso de suas vantagens inatas- grande flutuabilidade, reserva do oxigênio, inconsciência do perigo...para, eventualmente ficar livre de perigo na água "e também porque "crianças de colo não são, nem devem ser, treináveis e adestráveis e a segurança virá naturalmente com a exposição longa e paciente à água."

2.2- IMPORTÂNCIA, BENEFÍCIOS E RISCOS.

"A finalidade da natação para bebês, concebida como atividade-meio, deve ser a de fornecer os estímulos adequados em quantidade e qualidade necessários ao desenvolvimento, que garantam um amadurecimento psiconeurológico inicial profundo e harmonioso em todas as áreas, isto é, aprofundar e enriquecer as raízes da personalidade, oferecendo condições para um desenvolvimento pleno do potencial inato da criança."

(DAMASCENO, 1992).

A natação, por ser considerada como uma das atividades que maiores benefícios propiciam ao desenvolvimento corporal e também pela possibilidade de ser praticada sem restrições, desde o nascimento, antes mesmo de aprender a nadar, parece ser a atividade mais indicada para o

desenvolvimento do potencial psicomotor da criança, mesmo porque ela possibilita uma vasta estimulação, o que facilitará o aperfeiçoamento dos órgãos do sentido, da coordenação motora e da linguagem, e, principalmente, porque ela promove um maior equilíbrio emocional e interação social.

Segundo FONTANELLI (1985), o objetivo da natação para bebês é formar um cidadão saudável e com habilidade mental e, não pode ter, de maneira alguma, o objetivo de formar campeões, uma vez que a natação é o único esporte que o bebê pode praticar sem ser agredido e cobrar do bebê um resultado, que muitas vezes estão além de suas possibilidades, é uma forma de agressão.

Como hoje em dia as pessoas possuem maior acesso às informações, sabem que a natação para bebês possui muitos benefícios, mas também possui riscos, se o trabalho não for levado à sério, e esses riscos devem ser levados em conta.

A seguir, faremos uma listagem dos principais benefícios que a natação para bebês pode proporcionar às crianças: (NADAR, ano X)

- 1) Segurança;
- 2) Recreação;
- 3) Mais independência;
- 4) Relaxamento;
- 5) Mais espontaneidade;
- 6) Melhoria do reflexo (resposta a estímulos);
- 7) Aumento do apetite;
- 8) Melhoria da qualidade do sono;
- 9) Profilaxia contra resfriados;
- 10) Mais confiança nos relacionamentos;
- 11) Desenvolvimento físico e psíquico;

- 12) Desenvolvimento da personalidade (social, cognitivo, motor e afetivo);
- 13) Relação enriquecida entre pais e filhos;
- 14) Libera a agressividade;
- 15) Fortalece o tônus muscular;
- 16) Aumenta a atividade cardiorespiratória;
- 17) Ativa a circulação, entre vários outros que não foram citados.

Mas, por outro lado, existem também os riscos, que não devem ser deixados de lado, por isso, antes de iniciar a criança nas “aulas de natação”, ela deve ter sido liberada pelo médico pediatra, pois a natação é proibida e contra indicada nos seguintes casos:

- 1) Bebês em estado febril;
- 2) Com otites, sinusites e amigdalites;
- 3) Em crise: de asma e bronquite;
- 4) Diarréias e micoses de pele;
- 5) Cardiopatias graves;
- 6) Abuso de mergulhos;
- 7) Atritos fortes com a água, que pode desencadear uma sinusite futura;
- 8) Dosagem de cloro e pH alterados;
- 9) Problemas graves de coluna;
- 10) Alergia ao cloro.

É ainda proibida nos seguintes casos:

- 1) Quando a gestação foi infeliz e difícil;
- 2) Quando o bebê teve o cordão umbilical envolvido em torno do pescoço.

Descartados esses casos e a criança tendo tomado todas as vacinas, com a liberação do médico, ela está apta a freqüentar as aulas de “natação”.

WONG afirma que: “essa atividade, se não for bem trabalhada, pode ter riscos, além dos citados acima, e com essa preocupação, hoje em dia é condenado cada vez mais, no exterior, o violento método de jogar a criança na água, uma vez que ela pode ficar traumatizada e devendo ter, o aprendizado, uma planificação”.

DAMASCENO (1986), que atua em Vitória/ ES, vai mais além, ele questiona até os profissionais e empresas envolvidas com a metodologia: “a natação para bebês transformou-se, em pouquíssimo tempo, em moda, e , é claro, em lucro.”

A seguir, procuraremos mostrar as etapas do desenvolvimento infantil, dos 0 aos 2 anos de idade, para que ao trabalhar com bebês, os profissionais e também os pais tenham consciência do que os bebês podem apresentar , em termos de movimento e compreensão dos exercícios, e assim, não cobrar da criança coisas que ela não está preparada para lhes dar, devido à falta de maturação do Sistema Nervoso, Muscular...

3- DESENVOLVIMENTO FÍSICO E MOTOR.

Durante a etapa da vida intra-uterina, a função muscular é o primeiro modo de expressão do embrião, que aparece bem antes do embrião ser capaz de responder a um estímulo sensorial externo, portanto, o sistema motor é capaz de manter seu próprio funcionamento sem necessidade de um estímulo sensorial.

Após o nascimento e com o desligamento com o corpo da mãe, o bebê sente a necessidade de se alimentar, já que o cordão umbilical não existe mais. Esse estado de necessidade se manifesta pela elevação do tônus muscular, onde encontra-se a origem das descargas musculares impulsivas e por gritos e um estado de prazer que é paralelo à diminuição do tônus. (LE BOULCH, 1982). Embora esta fase da vida não se torne consciente, é muito importante, uma vez que todas as experiências corporais vividas ficam registradas na forma mais primitiva do inconsciente, a memória corporal.

Durante o estágio pré-objetal (até os 7 meses de idade), o comportamento da criança organiza-se sob a influência de estímulos sensoriais.

Estudos contemporâneos têm salientado a importância dos estímulos externos, provocados pelo ambiente, na organização do equilíbrio tônico-emocional da criança.

Durante a vida intra-uterina, o bebê já tinha contato com esses estímulos externos através das sensações cutâneas, sonoras e proprioceptivas. Com o nascimento, ele encontra a necessidade de exercitar as estruturas

sensoriais, em particular, os contatos cutâneos, o toque, que são tão importantes quanto as necessidades nutritivas, para o equilíbrio afetivo da criança.

Esse desenvolvimento sensorial torna-se importante na organização dos primeiros automatismos adquiridos e é através das reações circulares que as estruturas motrizes se organizam a partir dos estímulos externos, mas essa atividade sensório- motora não se desenvolve apenas a partir dos estímulos externos, mas também a partir das informações proprioceptivas, labirínticas e articulares que estão se desenvolvendo. Essas informações são a origem das reações de equilíbrio e dos primeiros ajustamentos posturais.

O crescimento na primeira infância (até os 2 anos) se dá muito rapidamente, comparando-se com outras faixas etárias.

Os índices de crescimento variam de indivíduo para indivíduo, em cada cultura e podem se alterar, de acordo com as condições de vida, para melhor ou pior.

Com relação ao peso e a altura, sabe-se que são determinados em grande parte pela hereditariedade, embora suscetível de ser influenciado por fatores alimentares.

De acordo com o departamento de Saúde, Educação e Bem Estar dos EUA, em uma pesquisa realizada em 10 Estados entre 1968 e 1970, os índices de crescimento das crianças estão relacionados com fatores como raça, sexo e renda familiar, assim como sua saúde física e emocional. (MANNING, 1977)

Os ossos dos recém- nascidos são, na maioria, cartilagens que vão endurecendo ou ossificando, a medida que essa cartilagem original vai sendo substituída por cálcio, durante o amadurecimento e crescimento da criança. Mas a ossificação não é a única alteração sofrida pelo esqueleto enquanto a

criança está em fase de crescimento. A forma da espinha (coluna vertebral) também deve se modificar, pois dentro do útero, ela tem forma da letra C, uma vez que o corpo do feto fica dobrado e encolhido. Após o nascimento, quando a criança começa a respirar, a erguer a cabeça e a ficar deitada numa superfície reta, a coluna se indireita e mais tarde, quando o bebê aprende a sentar, a ficar em pé e começa a andar, ela adquire a forma de um S.

As fontanela, que são os espaços entre os ossos do crânio, vão desaparecendo gradualmente enquanto o crânio vai crescendo e os ossos se soldam. (MANNING, 1977)

O desenvolvimento do corpo em conjunto segue a “*seqüência cefalocaudal*”, que se origina na cabeça e vai até os pés. Como exemplo, podemos citar o desenvolvimento dos músculos. Sabe-se que todas as fibras musculares se formam, provavelmente no feto. (MANNING, 1977). Com o nascimento, os músculos são relativamente pequenos, mas crescem continuamente até a idade adulta, tanto em comprimento quanto em espessura. Os primeiros a crescer são os músculos próximos ao cérebro e mais tarde, os dos membros, confirmando a teoria da *seqüência cefalocaudal*. Com isso, podemos concluir que, os primeiros músculos a serem utilizados quando o bebê fizer movimentos voluntários serão os mais próximos à cabeça.

A maioria das células cerebrais do ser humano já estão formadas antes do nascimento. Após o nascimento, as vias de comunicação entre essas células se tornam mais numerosas. O tronco cerebral e a medula espinhal, a princípio, exercem maior influência sobre o comportamento. Essas partes do cérebro são responsáveis pelo controle do comportamento involuntário, por isso que, quase todas as atividades do recém-nascido são reflexas. (MANNING, 1977)

da Cabeça, Manipulação, Virar-se, Sentar, Rastejar e Andar, que faz parte da seqüência de desenvolvimento motor de qualquer criança.

A medida que o bebê vai crescendo, o córtex cerebral, que controla os movimentos voluntários e o pensamento, passa a desempenhar um papel cada vez maior e muitos reflexos desaparecem.

A partir do momento em que o córtex cerebral se torna cada vez mais capaz de orientar os movimentos, o bebê vai adquirindo, aos poucos, a capacidade utilizar as diferentes partes do corpo.

“Não se pode ensinar aos bebês certas ações como sentar ou engatinhar antes de estarem suficientemente desenvolvidos o Sistema Nervoso Central, os músculos e os ossos.” (MANNING, 1977).

As crianças começam a realizar coisas novas em idades diferentes, pois depende de cada organismo, mas a seqüência do desenvolvimento motor é praticamente a mesma para todos os bebês.

Como já dissemos anteriormente, o desenvolvimento segue a *seqüência cefalocaudal* (da cabeça para os pés) , mas também segue um segundo padrão, o *proximodistal* , ou seja, do próximo para o distante, por isso, as crianças primeiro conseguem controlar o tronco, depois braços e pernas, e ainda, primeiro conseguem pegar um objeto, mas com a palma da mão, para mais tarde realizar a preensão com os dedos. Cada nova habilidade depende do domínio da anterior.

O desenvolvimento dessas habilidades motoras depende da maturidade do Sistema Nervoso Central, assim como do número de oportunidades de praticar essa nova atividade, sendo assim, se a criança for criada num ambiente adequado ao seu desenvolvimento, ela começará a desempenhar uma atividade no momento em que estiver preparada para isso. As habilidades motoras que estudaremos a seguir são: Controle da Cabeça, Manipulação, Virar- se, Sentar, Engatinhar e Rastejar e Andar, que faz parte da seqüência de desenvolvimento motor de qualquer criança.

3.1- SEQÜÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO MOTOR.

(GESELL, 1989)

CONTROLE DA CABEÇA:

2 meses:

- Conseguem mantê-la erguida por pouco tempo,
- Erguem ao nível do corpo quando em decúbito ventral,
- Giram cerca de 100 graus.

3 meses:

- Conseguem erguer o tórax e ombros quando em decúbito ventral.

4 meses:

- A cabeça se mantém firme,
- Conseguem erguê-la quando está em decúbito dorsal.

MANIPULAÇÃO:

3 meses:

- Conseguem estender os braços para alcançar objetos que estão perto deles.

4 meses:

- Conseguem apanhar alguns objetos, mas não sabe abrir as mãos para deixá-los cair,
- Movimentam os braços dirigindo-os para algo que esteja querendo alcançar.

5 meses:

- Conseguem dirigir os braços diretamente aos objetos e agarrá-los.

6 meses:

- Conseguem coordenar as 2 mãos,
- Passar objetos de uma mão para outra,
- Usar o polegar e o indicador em contraposição,
- São incapazes de apanhar objetos pequenos.

A falta de estimulação no ambiente pode retardar o aprendizado destas habilidades.

VIRAR-SE:

A criança começa a virar-se quando adquire algum controle sobre sua cabeça, seu tronco e suas pernas.

Primeiro elas começam a virar para os lados, a partir de uma posição de costas ou de bruços. Essa etapa pode ter início desde os 2 meses de

idade, mas a faixa é muito variável, mas com certeza, por volta dos 5 ou 6 meses, a maioria dos bebês são capazes de se virar completamente.

SENTAR:

4 meses:

- Ficam sentados por breves períodos de tempo,

5 e 7 meses:

- Ficam sentados algum tempo sem apoio, mas tendem a inclinar-se para frente, para apoiar-se na mãos,
- Podem ser colocados numa cadeira alta ou carrinho, com cinto de segurança e apoio para costas quando necessário.

8 e 9 meses:

- São capazes de sentar sozinhos e de se manter nessa posição por períodos cada vez mais longos de tempo.

ENGATINHAR e RASTEJAR:

6 meses:

- Giram em torno de si mesmos, apoiados na barriga (impelindo-se com braços, com a barriga no chão e pernas esticadas para trás.),

8 meses:

- Conseguem engatinhar numa direção definida, para frente,
- Manter apoiados nas mãos e joelhos durante curtos períodos de tempo.

Para engatinhar, é necessário que músculos de braços e pernas estejam fortes.

ANDAR:

Antes de aprender a andar, o bebê precisa conseguir ficar de pé.

8 ou 9 meses:

- Conseguem se levantar agarrando-se a um móvel qualquer.

ano aproximadamente:

- Posição de pé.

14 meses:

- A maioria já começou a andar, embora caiam com facilidade e até desistam durante algum tempo,

- Andam com pés afastados e mãos para cima, pois acham difícil manter o equilíbrio,
- O andar torna-se mais coordenado depois dos músculos ficarem mais fortes e o Sistema Nervoso e muscular mais amadurecidos.
- Com a nova mobilidade, as mãos podem alcançar objetos que antes estavam fora do alcance.



Quando o bebê começa a andar, ele usa uma postura muito instável. Seus pés ficam muito afastados e suas mãos ficam para cima.



Com o tempo, o bebê começa a andar com os pés mais próximos e as mãos para os lados.



Com o tempo, o bebê começa a andar com os pés mais próximos e as mãos para os lados.



Com o tempo, o bebê começa a andar com os pés mais próximos e as mãos para os lados.



Com o tempo, o bebê começa a andar com os pés mais próximos e as mãos para os lados.



Com o tempo, o bebê começa a andar com os pés mais próximos e as mãos para os lados.



Com o tempo, o bebê começa a andar com os pés mais próximos e as mãos para os lados.

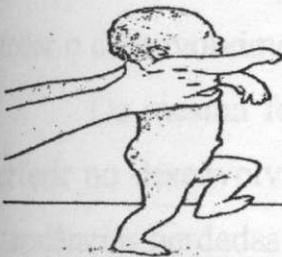


Com o tempo, o bebê começa a andar com os pés mais próximos e as mãos para os lados.

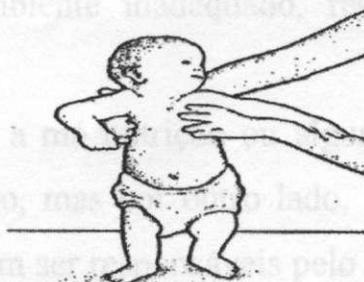


Com o tempo, o bebê começa a andar com os pés mais próximos e as mãos para os lados.

As seqüências básicas do desenvolvimento motor são mais fáceis de mostrar em figuras do que de descrever em palavras, para isso, o quadro a seguir tenta ilustrar a seqüência pela qual o bebê passa, desde ficar de pé, andar, até subir escadas. (BEE, 1984)



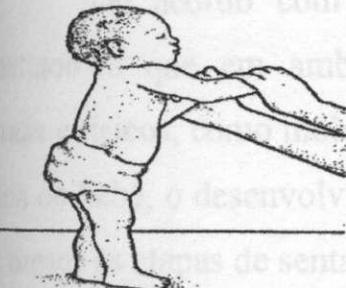
Um recém-nascido apoiado com a sola dos pés sobre uma mesa move suas pernas numa ação reflexa de marcha



Com oito semanas o bebê mantém sua cabeça firme por pouco tempo, enquanto é segurado numa postura de pé



Com 36 semanas ele pode erguer-se e permanecer de pé agarrando as bordas dos móveis



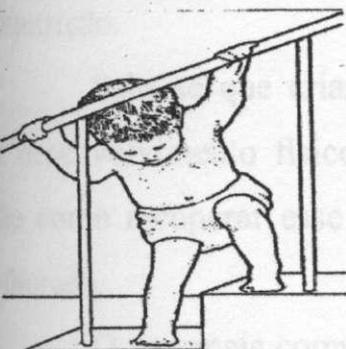
Com 48 semanas ele pode andar caso esteja seguro em ambas as mãos (ou de lado, agarrando-se na mobília)



Com 1 ano, a criança anda caso alguém segure uma de suas mãos



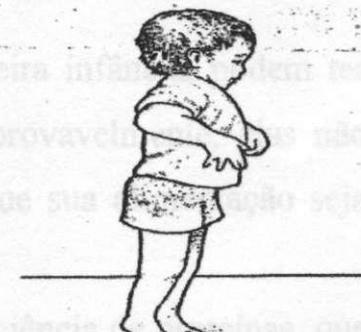
Com 13 meses, a criança torna-se capaz de andar sem ajuda



Com 18 meses, ela consegue descer e subir uma escada sem ajuda



Com 2 anos, ela corre, anda para trás, e pega coisas do chão sem se desequilibrar



Com 2 anos e meio pode se equilibrar na ponta dos pés e pula com ambos os pés

3.2- INFLUÊNCIA SOBRE O DESENVOLVIMENTO FÍSICO.

Em condições normais, não há necessidade de ensinar novas habilidades aos bebês, pois possuem aparentemente um impulso inato para passar de um estágio ao outro.

As vezes, um ambiente inadequado, restrito, pode atrapalhar e retardar o desenvolvimento.

Da mesma forma, a má nutrição ou alguma doença também pode interferir no desenvolvimento, mas por outro lado, um treinamento especial, ou tendências herdadas podem ser responsáveis pelo desenvolvimento precoce de algumas crianças em certos níveis de idade. (MANNING, 1977)

De acordo com pesquisas feitas em instituições para crianças, constatou-se que em ambientes desinteressantes, com falta de estímulos visuais e físicos, como móveis, brinquedos, desenhos e a própria manipulação física do bebê, o desenvolvimento das crianças é muito prejudicado, retardado em meses as etapas de sentar, engatinhar ficar de pé e andar.

Um outro fator para que o desenvolvimento seja prejudicado é a subnutrição.

Sabe-se que crianças subnutridas, na primeira infância, podem ter seu desenvolvimento físico e mental retardados e, provavelmente, elas não terão como recuperar esse tempo perdido, mesmo que sua alimentação seja melhorada.

O tipo mais comum de subnutrição é a deficiência de proteínas, que pode ter como resultado uma diminuição do crescimento, uma falta de imunidade às doenças e um cérebro de menor tamanho.

Outra influência importante sobre o desenvolvimento é o treinamento.

Ficou experimentalmente comprovado que um treinamento especial pode cultivar certos comportamentos motores numa idade abaixo da média. (MANNING, 1977)

Após uma experiência com 2 gêmeos univitelinos, um com treinamento especial e outro não, constatou-se que a perfeição de uma habilidade motora depende tanto da maturidade física quanto da oportunidade de praticá-la. (MANNING, 1977).

“É possível que, se forem mais exercitadas e se receberem maior estimulação para reflexos precursores de atividades posteriores (dar passos, engatinhar, agarrar e os reflexos de nadar) os bebês poderão ter um desempenho físico superior.”(MANNING, 1977)

O aprendizado consiste em 2 formas: o Condicionamento Clássico e o Condicionamento Operante.

O Condicionamento Clássico é uma das formas mais simples e elementares de aprendizagem. Consiste em repetir várias vezes um estímulo neutro (condicionado) juntamente com um estímulo incondicionado. O estímulo neutro começa a produzir a mesma resposta que o estímulo incondicionado original. (MANNING, 1977)

O Condicionamento Operante é outro tipo de aprendizagem que resulta no estabelecimento de uma conexão entre um estímulo e uma resposta. Ele difere do Condicionamento Clássico. No Operante, a resposta é

4- DESENVOLVIMENTO COGNITIVO.

Todas as crianças passam pela mesma seqüência de etapas ao aprenderem a pensar e a falar, mas a idade em cada etapa varia de indivíduo para indivíduo.

“O aprendizado é o estabelecimento de um novo comportamento, ou a modificação de um comportamento antigo para responder a uma experiência ambiental.” (MANNING, 1977). Portanto só há aprendizado quando uma criança estabelece um novo comportamento, ou modifica um comportamento antigo respondendo a uma nova experiência, mas nem todos os comportamentos resultam de um aprendizado, pois, a princípio, o comportamento do bebê é determinado sobretudo pelos reflexos inatos. Eles não precisam aprender a sugar quando é colocado um bico em sua boca, eles respondem naturalmente através da reação incondicionada, que é um reflexo inato. À medida que vão amadurecendo, os bebês adquirem muitos comportamentos novos.

O aprendizado consiste em 2 formas: o *Condicionamento Clássico* e o *Condicionamento Operante*.

O *Condicionamento Clássico* é uma das formas mais simples e fundamentais de aprendizado. Consiste em repetir várias vezes um estímulo neutro (condicionado) juntamente com um estímulo incondicionado. O estímulo neutro começa a produzir a mesma resposta que o estímulo incondicionado original. (MANNING, 1977)

O *Condicionamento Operante* é outro tipo de aprendizado que implica no estabelecimento de uma conexão entre um estímulo e uma resposta. Ele difere do Condicionamento Clássico. No Operante, a resposta é

emitida pelo indivíduo, não é suscitada por um estímulo específico, já no necessário, já no Clássico, a resposta é automaticamente suscitada pelo estímulo incondicionado. (MANNING, 1977)

4.1- O DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA NA PRIMEIRA INFÂNCIA.

A teoria mais aceita a respeito da maneira como se desenvolve a inteligência na primeira infância foi proposta por Jean Piaget (MANNING, 1977), um psicólogo suíço.

Ele encara o aprendizado como uma função da interação entre o nível de maturidade de uma criança e o ambiente. Toda criança passa por uma seqüência de estágios no aprendizado e cada um deles é prosseguimento do anterior.

Todas as crianças obedecem a mesma ordem desses estágios, o que varia é a idade em que tem início cada um deles.

Piaget (MANNING, 1977) qualificou os 2 primeiros anos de desenvolvimento intelectual de *período sensório- motor*.

Durante esse período, a criança é governada pelos 5 sentidos e pelo crescente controle sobre as respostas motoras, pois antes dos 2 anos, a criança tem uma compreensão muito pequena da linguagem e dos símbolos. Elas lidam com o concreto porque sua capacidade de compreender idéias ou princípios ainda não está desenvolvida.

Segundo Piaget, um esquema é uma ação ou um processo mental. Os esquemas das crianças muito novas são desorganizados. Os bebês vão

organizando gradualmente os esquemas separados, experimentados através de cada um de seus sentidos, para obter um conhecimento integrado de uma pessoa (mãe) ou um objeto.

Quando a criança passa por uma nova experiência, se adapta à situação modificando seus conceitos ou ações e tenta modificar a própria situação. Ela se adapta assimilando e acomodando-se

Durante o *período sensório-motor*, proposto por Piaget, um dos conceitos primordiais que a criança adquire é o esquema do *objeto permanente*.

Até chegar aos 7 meses de idade, os objetos só existem para a criança quando ela os pode perceber com os 5 sentidos. Ao completar o sétimo mês, a criança passa a ter um conceito de permanência do objeto e é capaz de conhecer um objeto que esteja parcialmente escondido. Após os 9 ou 10 meses, os objetos adquirem uma permanência ainda maior. Quando está terminando o *período sensório motor*, por volta de 2 anos, a criança compreende que um objeto existe, ela podendo ver ou não.

Do nascimento até o primeiro mês, os reflexos inatos do bebê garantem sua sobrevivência, pois vão ajustando suas ações reflexas de modo a torná-las mais eficazes.

De 1 a 4 meses, ela começa a estabelecer conexões entre os objetos ou acontecimentos e o propósito dos mesmos. Sendo assim, o bebê procura repetir as ações que acarretam resultados agradáveis. Nesta idade, ele pode abrir a boca logo que avistar o bico, seja da mamadeira ou do seio da mãe, porque já coordenou os 2 esquemas: o de ver e o de sugar.

Dos 5 aos 8 meses, são desenvolvidas as respostas secundárias, ou seja, são comportamentos repetitivos que implicam o ambiente, uma vez que seu foco ampliou-se e passou a abranger, além de seu próprio corpo, tudo o

que está a sua volta. Os esquemas do estágio anterior estão ainda mais ampliados e coordenados. Além de visto e aprovado, um objeto pode ser também movimentado e ouvido. Nesse estágio, sua atenção não é distraída com a mesma facilidade de antes.

Dos 8 aos 12 meses, as reações secundárias passam a ser dirigidas a uma meta. Por exemplo: Um bebê puxará um cobertor não somente para ver o que acontece, mas também para pegar um brinquedo que esteja escondido embaixo dele. Pode também aplicar habilidades antigas à situações novas, porém semelhantes. Aprende por imitação, novas habilidades, desde que um adulto as tenha mostrado para o bebê.

Dos 12 aos 18 meses desenvolvem-se as reações circulares terciárias. Essas reações implicam na investigação de todas as possibilidades de um objeto. Ela explora ativamente o ambiente e utiliza as habilidades adquiridas anteriormente para descobrir as que se ajustam à situação. Está constantemente em busca de novos objetos e variando as maneiras de usar os objetos familiares. Ajusta suas ações de modo a resolver os problemas e atingir os objetivos.

Quando uma atividade traz um resultado interessante, a criança a repete várias vezes e variadamente. Nesta fase, todo o problema é resolvido por meio das técnicas de experiência e erro.

A imitação se torna mais aprofundada, e o comportamento das outras pessoas é copiado com maior precisão e habilidade.

Finalmente, dos 18 aos 24 meses (últimos meses da primeira infância), a criança torna-se capaz de solucionar mentalmente certos problemas. Ela também pode imitar um comportamento visto anteriormente. Sua capacidade inventiva, de imaginação torna-se cada vez maior, possibilitando a solução de problemas, que antes, não tinham solução.

O aprendizado através das atividades sensório- motoras não pára aos 2 anos, mas agora, a criança aprende, de forma mais eficaz, por meio de representações ou símbolos uma vez que seu desenvolvimento cognitivo já está preparado e amadurecido de acordo com o passar do tempo. As pessoas aprendem por experiências ao longo de toda a vida, mas depois do segundo anos, os pensamentos e as idéias assumem uma maior importância no processo de aprendizagem.

4.2- INTELIGÊNCIA E INFLUÊNCIAS AMBIENTAIS.

Como relatamos anteriormente, tanto a hereditariedade quanto o ambiente desempenham um papel no desenvolvimento da inteligência da criança.

Pesquisas com crianças de classes média e operária, indicam que a inexistência de uma diferença significativa na maneira como as crianças das duas classes estudadas se comportaram nos testes de inteligência, que são testes padronizados, que visam comparar a inteligência sensório- motora da criança à média ou norma para sua idade. Estes testes parecem ter maior valor principalmente para o diagnóstico das deficiências de desenvolvimento.

Mas, aos 3 anos de idade, as crianças de classe média obtém mais pontos do que as de classe operária.

Com base nestes dados, alguns pesquisadores acreditam que as diferenças nos ambientes domésticos desses dois grupos estudados podem ser responsáveis pelas variações ocorridas nestes testes.

Um desses pesquisadores foi Burton L. White.(MANNING, 1977). Ele se dispôs a descobrir de que maneira as diferenças de ambiente doméstico influem sobre a capacidade de aprender antes dos 3 anos de idade. Fez pesquisas com crianças de 3 anos de idade e concluiu que: como as diferenças são muito grandes entre as crianças dos dois grupos, tendo a mesma idade, o desenvolvimento deveria ter sofrido as influências do ambiente doméstico. A partir daí, resolveu pesquisar os irmãos mais novos dessas crianças, dentro de suas casas., principalmente a interação entre mães e filhos.

Observou que havia diferença entre uma mãe e outra na maneira que se relacionavam com seus filhos e na forma como organizavam seus lares.

Até os 10 meses não havia diferença entre os dois bebês. Ao chegarem aos 18 meses, 1 ano e meio de idade, percebeu-se que uma criança tinha capacidades intelectual e social superiores à outra criança.

A partir deste fato, White concluiu que as mães eram responsáveis, podendo ajudar seus bebês a desenvolver suas habilidades, e que o período crucial para o desenvolvimento cognitivo, situava-se entre os 10 e 18 meses de idade.

Concluiu também que os brinquedos têm uma parcela importante no desenvolvimento intelectual e da linguagem. É através do brinquedo que a criança demonstra seus sentimentos, adquire habilidades, imita o comportamento do adulto, estabelece laços sociais, aprende a dominar seu corpo e pratica sua linguagem.

Segundo White, existem 3 tipos de brinquedos: o *brinquedo solitário*, em que o bebê brinca sozinho por curtos períodos de tempo. Existe o *brinquedo paralelo*, onde a criança, por volta dos 2 anos de idade, gosta de brincar ao lado das outras crianças da mesma idade, mas apenas por companhia, pois não há interação e nem conversa entre elas. O último tipo é o

brinquedo associativo, que é a comparação das atividades dos amigos na época em que estão preparadas para ir para o jardim da infância.

Nessa fase, a atividade lúdica não é bem organizada nem cooperativa, somente após os 3 anos é que as crianças começam a cooperar no brinquedo, daí a atividade torna-se mais organizada e mais voltada para as metas que os tipos anteriores de brinquedo.

Vimos anteriormente, como a criança se desenvolve fisicamente e cognitivamente, ou seja, como ela começa a perceber e a pensar, mas para que a criança cresça por completo, tem que ser aceita pela sociedade como um indivíduo distinto.

Para que possamos entender esse processo de individualização e de formação da criança, precisamos saber como isso acontece, como é formada a nossa personalidade. Várias teorias foram propostas, mas as duas mais importantes foram as desenvolvidas pelo austriaco Sigmund Freud e pelo americano Erik Erikson.

Freud acreditava que muitos problemas emocionais do adulto tinham de conflitos da infância que não tinham sido resolvidos. Ele formulou uma teoria motivacional do desenvolvimento, da qual constavam os estágios "psicossexuais" do desenvolvimento humano, desde o nascimento, passando pela adolescência e chegando à fase adulta, e estavam sempre de acordo com a satisfação das diversas funções particulares do corpo, ativas no decorrer de cada estágio. Sustentava que a não-satisfação das necessidades em qualquer dos estágios, tinha como resultado um conflito emocional, que, se não resolvido, resultava numa fixação nesse estágio. Uma das formas de fixação, nos adultos, é a transferência para determinados traços de personalidade.

5- DESENVOLVIMENTO SOCIAL E AFETIVO.

“Socialização é o processo através do qual se ensina a uma criança os tipos de comportamentos que são, e não são corretos e aceitáveis em sua sociedade.” (MANNING, 1977).

Vimos anteriormente, como a criança se desenvolve fisicamente e cognitivamente, ou seja, como ela começa a perceber e a pensar, mas para que a criança cresça por completo, tem que ser aceita pela sociedade como um indivíduo distinto.

Para que possamos entender esse processo de individualização e de aceitação da criança, precisamos saber como isso acontece, como é formada a nossa personalidade. Várias teorias foram propostas, mas as duas mais importantes foram as desenvolvidas pelo austríaco Sigmund Freud e pelo germano- americano Erik Erikson.

Freud acreditava que muitos problemas emocionais do adulto vinham de conflitos da infância que não tinham sido resolvidos. Ele formulou uma teoria motivacional do desenvolvimento, da qual constavam os **estágios “psicossexuais”** do desenvolvimento humano, desde o nascimento, passando pela adolescência e chegando à fase adulta, e estavam sempre de acordo com a satisfação das diversas funções particulares do corpo, ativas no decorrer de cada estágio. Sustentava que a não- satisfação das necessidades em qualquer dos estágios, tinha como resultado um conflito emocional, que, se não resolvido, resultará numa fixação nesse estágio. Uma das formas de fixação, nos adultos, é a transferência para determinados traços de personalidade.

Durante a primeira infância existem dois estágios psicosssexuais, denominados, por Freud de, *estágio oral e anal*.

A primeira parte do *estágio oral* começa desde o nascimento e dura cerca de 1 ano. É conhecida como *período oral-passivo* ou *dependente*, onde toda a existência do bebê tem como centro o prazer, que é produzido pela sucção e pela sensação de estômago cheio, onde a boca é o centro da gratificação. Nessa fase o bebê experimenta a maioria dos objetos colocando-os na boca. Segundo Freud, os bicos, os objetos usados para acalmar (chupetas), os dedos e todo objeto que possa ser chupado, atendem a uma necessidade erótica. (MANNING, 1977).

Embora a personalidade adulta se componha pelo ID, EGO e SUPEREGO, apenas o ID está presente no nascimento. Ele só se interessa pela pronta gratificação das necessidades inatas e os bebês recém-nascidos esperam que essas necessidades sejam satisfeitas imediatamente.

A segunda parte do estágio oral é denominada *período oral-agressivo* ou *sádico*, que se inicia quando o bebê já possui dentes suficientes para morder.

Freud interpretou a mordida como um impulso premente para destruir. Durante esse estágio, a criança tem um prazer extremo mordendo os objetos. Os adultos fixados nesse período do estágio oral podem fumar, comer ou beber demais, roer as unhas ou a ponta do lápis. Exigem que suas necessidades sejam atendidas imediatamente ou ficam muito dependentes dos outros para satisfazer seus desejos.

Como dissemos anteriormente, a personalidade do adulto é formada por 3 partes: o ID, o EGO e o SUPEREGO.

O ID está presente desde o nascimento e só se interessa pela pronta gratificação das necessidades. Já o EGO é a parte racional da personalidade,

planejadora e orientadora para a realidade. Ele começa a atuar no estágio oral, quando as necessidades do ID entram em conflito com o meio ambiente.

O SUPEREGO, ou consciência, emerge quando a criança atinge os 5 anos aproximadamente. Desenvolve um senso do que é certo ou errado e começa a assimilar as regras morais.

Quando a criança começa o treinamento para o asseio corporal, ela entra no *estágio anal*, que dura até os 3 anos. O bebê agora está focalizando as funções dos músculos necessários ao controle dos movimentos intestinais. Geralmente, nesse estágio, há um conflito entre pais e filhos, pelo uso do vaso sanitário.

Quando esse conflito não fica adequadamente resolvido, a pessoa pode permanecer fixada no estágio anal. Podem ocorrer duas situações: pode transformar-se numa *personalidade anal-retentiva*, obcecada pela limpeza, pela precisão, pelas rotinas e regras, ou ainda ser extremamente possessiva ou desconfiada. Uma outra forma, é a *personalidade anal-agressiva*, onde a pessoa dá a impressão de rebelar-se contra a autoridade paterna pelo fato de se mostrar muito desordenada, excessivamente generosa ou indiferente às regras e horários.

Existem ainda outros estágios psicosssexuais que ocorrem mais tarde na vida da criança, mas não nos tem importância neste trabalho, uma vez que estamos trabalhando com uma faixa etária específica, de 0 à 2 anos.

Um outro pesquisador que propôs a teoria dos **estágios psicossociais** foi Erikson.

Assim como Freud, Erikson sustenta que as crianças passam por vários estágios de desenvolvimento. Ele conseguiu descrever 8 estágios pelos quais a pessoa tem que passar, desde o nascimento até a morte. (MANNING, 1977)

Erikson concordava com Freud quanto ao fato de que todo estágio traz um tipo particular de conflito, mas em sua opinião, esses conflitos não surgem apenas entre as necessidades biológica e as exigências dos pais, mas também entre as necessidades psicológicas da criança e as imposições da sociedade como um todo. Por exemplo: a autoconfiança e o otimismo decorrem da satisfação das necessidades físicas e emocionais do indivíduo. Se os conflitos não ficam bem resolvidos, o resultado será o pessimismo e a dúvida com relação a si mesmo.

Segundo a *teoria dos estágios psicossociais* de Erikson, as crianças passam por crises de existência, e a primeira delas ocorre do nascimento até os 12 ou 18 meses. Nessa fase o bebê passa por um conflito entre *confiança* e *desconfiança*.

Para a criança confiar em um adulto, principalmente quem cuida dela, esse adulto precisa satisfazer todas as suas necessidades prontamente, como: carinho, alimentação... Se o adulto demora a satisfazer essas necessidades, a criança não sabe o que deve esperar e passa a desconfiar das atitudes e do amor do adulto. Como a criança não se distingue do resto do mundo, ela acha que a não-satisfação de suas necessidades significa que nela tem algo de errado.

Na opinião de Erikson, a desconfiança básica é evidente nos bebês que choram constantemente e são geralmente tensos. A criança acha que não merece ser amada e isso transparece, mais tarde, numa incapacidade de ajustar-se a novas situações ou de relacionar-se positivamente com outras pessoas.

O segundo estágio de desenvolvimento da criança, ou a segunda crise existencial está baseada no conflito entre *autonomia* e a *vergonha* (ou dúvida.). Nessa fase, a criança precisa andar e explorar para descobrir suas

habilidades e limitações. Quando ela é contida pelos pais, ou por sua própria limitação, fica frustrada, pois quer ser independente e descobre que não é tão capaz quanto gostaria de ser.

Tendo em vista esta situação, os pais podem reagir de 3 maneiras diferentes: podem ser super protetores, com medo de que a criança venha a se machucar; podem ser permissivos demais, sem impor limites; ou podem ter um equilíbrio entre super proteção e permissividade, oferecendo à criança, um ambiente saudável, com um mínimo de restrições, uma vez que, um ambiente cheio de obstáculos e restritivo, pode interferir na formação da autoconfiança e na auto- afirmação da criança.

Quando a criança não consegue testar suas capacidades, ela pode aprender a duvidar de si mesma. Mas uma liberdade excessiva pode assustar a criança e essa sentir-se desprotegida, pois será consciente de suas limitações. O resultado dessa liberdade exagerada poderá ser uma perda da auto- estima, assim como sentimentos de vergonha e dúvida.

Para Erikson, o desenvolvimento da autoconfiança depende da segurança e da orientação dada pelos pais somadas à oportunidade de tomar decisões e de pôr à prova as novas habilidades, pois com a ajuda dos pais carinhosos, a criança se sentirá estimulada a tentar novamente após um erro cometido e, aprenderá aos poucos, a funcionar por conta própria e com confiança em si mesma.

Finalizando, as duas teorias anteriormente expostas são apenas teorias e não fatos, mas foram de grande importância para estudar a maneira como se desenvolve a personalidade, embora tenham sido constantemente criticadas por outros psicólogos que perceberam a pouca importância que ambos (Freud e Erikson) atribuem a outros fatores nesse desenvolvimento. Visto isso, percebemos que ainda têm-se muito a aprender e a estudar sobre o

comportamento e o desenvolvimento das crianças, mas reconhece-se que Erikson e Freud forneceram importantes subsídios para que se reflita sobre essas questões.

Por volta de sexta semana de vida é que começa o funcionamento do grande lobo límbico, responsável pelas reações de prazer, e que a criança poderia associar a satisfação e a insatisfação de suas necessidades fundamentais. Relacionando como ela sente as características do ambiente ela dispõe de uma verdadeira memória afetiva. Além de sentir o prazer, ela terá a possibilidade de prevê-lo.

Já no oitavo mês, o início do estado objetal representa uma etapa importante na evolução do EU da criança.

No estado pré-objetal, até os 7 meses, há uma verdadeira troca afetiva entre a criança e a mãe, que é distribuidora de alimento e tranqüilidade. A presença da mãe é indispensável para todas as experiências emocionais da criança, pois até os 8 meses, ela só tem da mãe um conhecimento vivido, através do diálogo. Quando outra pessoa passa a conviver com o bebê, este pode sentir uma certa insatisfação, pois essa pessoa estranha ainda não tem identificação como objeto.

No estado objetal, a partir do oitavo mês, a figura materna passa a ter uma identificação concreta para a criança, pois tem um valor estruturante e ela passa a associar o prazer à presença da mãe e sua ausência pode provocar uma frustração.

5.1- PRESENÇA DOS PAIS: necessária ou não?

De acordo com pesquisas recentes, dos últimos 10 anos, constatou-se que a presença dos pais parece ser importante para a formação da personalidade e do desenvolvimento da criança.

Vários autores, como por exemplo: Leonardo Graffius Damasceno, Juliana Janssem Barbosa e principalmente José Antônio Fontanelli são favoráveis à presença dos pais durante as aulas de natação para bebês.

FONTANELLI (1985), reconhecido mundialmente como um dos maiores especialistas na área é criador de um método único, baseado na afetividade com os bebês. Ele diz que para trabalhar com bebês é necessário delicadeza, timbre tranquilo de voz e que eles preferem a voz feminina, por ser a primeira voz que ouve ao nascer, a da mãe, mas que isto não descarta a presença do pai, que também pode aprender a conquistar seu próprio filho.

Segundo DAMASCENO (1992), a presença dos pais é insubstituível, porque neles, na expressão de seus rostos, o bebê encontra a segurança afetiva, aprovação do que fizer, a proteção..., porque a natação, o ambiente da piscina, é um meio novo e diferente para a criança e a descoberta desse mundo mais amplo do que o familiar, do qual está habituado, pode ser angustiante se não estiver com os pais, que constituem um elo natural entre o conhecido e o meio novo.

Ainda baseando-se na idéia antes citada, o bebê precisa de um tempo de adaptação para essa nova situação, as aulas de natação, para que ele possa sentir-se seguro e confiante. Depois desse estágio é que ele irá participar mais ativamente das aulas, sem medos e angústias.

5.1- *PRESENÇA DOS PAIS: necessária ou não?*

De acordo com pesquisas recentes, dos últimos 10 anos, constatou-se que a presença dos pais parece ser importante para a formação da personalidade e do desenvolvimento da criança.

Vários autores, como por exemplo: Leonardo Graffius Damasceno, Juliana Janssem Barbosa e principalmente José Antônio Fontanelli são favoráveis à presença dos pais durante as aulas de natação para bebês.

FONTANELLI (1985), reconhecido mundialmente como um dos maiores especialistas na área é criador de um método único, baseado na afetividade com os bebês. Ele diz que para trabalhar com bebês é necessário delicadeza, timbre tranquilo de voz e que eles preferem a voz feminina, por ser a primeira voz que ouve ao nascer, a da mãe, mas que isto não descarta a presença do pai, que também pode aprender a conquistar seu próprio filho.

Segundo DAMASCENO (1992), a presença dos pais é insubstituível, porque neles, na expressão de seus rostos, o bebê encontra a segurança afetiva, aprovação do que fizer, a proteção..., porque a natação, o ambiente da piscina, é um meio novo e diferente para a criança e a descoberta desse mundo mais amplo do que o familiar, do qual está habituado, pode ser angustiante se não estiver com os pais, que constituem um elo natural entre o conhecido e o meio novo.

Ainda baseando-se na idéia antes citada, o bebê precisa de um tempo de adaptação para essa nova situação, as aulas de natação, para que ele possa sentir-se seguro e confiante. Depois desse estágio é que ele irá participar mais ativamente das aulas, sem medos e angústias.

Para que ele passe por essa fase de adaptação, é fundamental a presença da mãe, pois, ao sentir-se seguro em relação à mãe, o fará, em consequência, se sentir-se mais seguro com relação ao mundo.

Ao colocarmos o bebê em uma escola de natação, o estaremos colocando também em contato com outras pessoas (diferentes as do convívio do lar) e também com outros bebês e por isso, muitas vezes, ocorre uma mudança de atitude dos bebês dentro da sua casa e com os pais, daí a necessidade de uma igual mudança na atitude desses pais, que terão também que se adaptar à criança mais ativa, mais autoconfiante e principalmente, menos dependente deles.

DIEM apud LENK (BRESGES, 1980), afirma, numa carta aos pais de lactentes, que ninguém pode e nem deve substituir os pais, nem mesmo o professor altamente especializado e entre as justificativas, estão sobretudo as psicológicas, tais como:

1) O bebê ainda possui um vínculo muito restrito ao familiar e os adultos que conhece são os pais e os familiares e qualquer pessoa estranha que penetre nesse seu pequeno mundo será motivo de um abalo em seu equilíbrio emocional, mesmo que seja o professor de natação.

2) Quando colocados no novo ambiente, a piscina, e tem os rostos conhecidos dos pais, não dão tanta importância a outros fatores como por exemplo: extensão do nível da água, movimento ondulatório, ruídos, grande luminosidade(reflexo do sol na água) e pelo tato sente o aconchego, o abrigo e a segurança do colo dos pais que com ele entram na água.

3) E o fator mais importante, segundo Maria Lenk é o elo de ligação pai- mãe- filho, fortalecido pela vivência conjunta de grande emoção e felicidade. O filho torna-se o centro da atenção dos pais e cada novo exercício é motivo de aplausos e orgulho, por outro lado, cada susto e desconforto,

sentidos pelo bebê, permitem efeitos positivos, já que levam ao abalo, aconchegante e carinhoso consolo nos braços da mamãe e do papai.

São momentos precisos que contribuem para a formação de uma personalidade autoconfiante, otimista e emocionalmente estável, que o fará enfrentar e vencer os desafios da vida.

VELASCO (1994), em seu livro "Natação Segundo a Psicomotricidade" nos propõe um trabalho dividido em fases, onde a primeira fase, de 3 meses a aproximadamente 1 ano, nas aulas deverá haver a presença das mães, pois a primeira meta será a sociabilização da criança. Na segunda fase, de 1 ano a aproximadamente 2 anos, o bebê deverá realizar aula com a mãe até que seja feita a sociabilização com o grupo e o professor e assim que possível, deverá afastar, gradativamente a mãe, sem causar nenhum tipo de frustração e na terceira fase, 2 anos a aproximadamente 3 anos, a criança já participará da aula com o professor e o grupo, não sendo mais necessária a presença da mãe na água, devido a sociabilização e adaptação da criança ao meio líquido já terem sido vencidas.

VELASCO (1994) ainda nos diz que, de acordo com suas experiências, percebe que a segunda fase é intermediária do estar com e sem a mãe e essa dependência estará diretamente relacionada com o chamado "cordão umbilical emocional", ou seja, há bebês que independentemente de sua faixa etária, dispensa e até não quer a presença da mãe na piscina, e outros, com até mais de 2 anos, são extremamente dependentes e nada realizam sem o auxílio dela. Isto nos mostra que deve-se tratar os bebês como seres distintos, respeitando seus limites, não o forçando para que não ocorra traumas e frustrações.

Resumindo, de acordo com todos os autores pesquisados, podemos perceber um consenso entre seus trabalhos: a presença dos pais é importante

para a formação do caráter e da personalidade da criança, para a fixação dos laços afetivos entre pais e filhos e para a sociabilização dos mesmos com o grupo e outras pessoas estranhas ao seu meio de convívio, mas por outro lado, a presença dos pais deve ser afastada aos poucos, para que a criança se torne mais independente e possa se desenvolver sozinha, por si mesma.

De acordo com minhas experiências em aulas de natação para bebês, em academias da cidade de Campinas-SP, pude perceber que a presença dos pais é importante para a criança, mas um dos maiores problemas enfrentados, creio que não só por mim, mas por outros professores que trabalham com bebês é com relação ao MEDO, que muitas vezes é transmitido pelos próprios pais às crianças.

5.2- O MEDO.

É uma das principais adversidades que se apresentam na natação.

O medo é um estado de sensibilidade diante de uma situação desconhecida. Os bebês não estão seguros do que se trata, percebem sensações estranhas em seu corpo, o que pode reduzir sua capacidade de respiração devido á tensão, e isto pode gerar fobia que será relacionada com a água. (FONTANELLI, 1985)

A aquafobia, ou medo da água, não é inata e sim aprendida quando se experimentam vivências traumáticas e desagradáveis no meio líquido. (Fontanelli, 1985).

A maioria dos bebês, antes dos 6 meses de idade, ainda não tiveram tempo para desenvolver aquafobia e se adaptam às aulas de natação sem problemas, pois nesta fase, importa mais com quem estão e não onde estão.

FONTANELLI apud ESESARTE et CISNEROS (Natação para bebês, entre o prazer e a técnica, 1985), o papel dos pais é determinante para que o bebê sintam-se aterrorizado pela água, simplesmente se durante o banho em casa se cria a tensão, onde a mãe está temerosa de que entre água nos olhos, nariz e boca do bebê, aí se origina uma situação negativa e instalamos o medo quando dizemos: “- Cuidado com a água, você pode se afogar.”

Cabe aqui uma frase de Juliana Janssem Barbosa: “A proteção é importante e a super proteção é negativa.”

José FONTANELLI (1985) considera os medos do bebê à água como o mais comum e indesejável obstáculo à aprendizagem, que se origina na família e não se restringe apenas à água.

A criança desconhece o significado do perigo em seu primeiro ano de vida. Para ela, o medo se dá quando tem a sensação de perda das pessoas (principalmente a mãe) e coisas que ama. O sentido de perda cresce com a idade e se instala como forma de ansiedade, que marcará todo o desenvolvimento dos bebês em diversos setores: caminhar, engatinhar...e isso afetará também seu desenvolvimento na água, e ansiedade também nos pais, que gera uma iminência de perda do filho na água e os cuidados extremados são passados para a criança, sob a forma de água = perigo = morte.

Para Fontanelli (1985), a rejeição à água pode originar-se desde o ventre materno, se durante a gravidez o bebê não é desejado, pois os sentimentos da mãe são transmitidos ao bebê, que posteriormente relaciona a água com esta sensação desagradável.

Depois de instalado, o medo se torna real e um perigo iminente, o que pode gerar pânico. É importante respeitar a criança que tem medo, sem violentá-la; com todo amor e paciência deve-se ensinar a criança a confiar em nós e desfrutar da água, que deve ser vista como espaço protegido e seguro.

Até os 2 anos de idade, a criança não tem noção de perigo. Aos 2 anos ela começa a questionar e aos 2 anos e meio surgem as dúvidas sobre a água, por isso é comum que bebês, ao chegarem aos 2 anos, 2 anos e meio, passem a assustar-se com a água e precisem de uma nova fase de adaptação, mesmo que tenha começado a natação com 6 meses e tenha aceito a água sem questionar.

É importante que compreendamos essa nova fase de readaptação, sem interferir, e diminuir as expectativas emocionais do bebê. Cada avanço deve ser reconhecido, por menores que sejam, pois cada um destes acontecimentos formam autoconfiança que, eventualmente ajudam a combater o medo. (Nadar, N. 96, 1996)

NASCIMENTO (1984), em seu livro "Natação, nosso esporte arte" faz uma classificação dos tipos de medo:

1) *medo simples*, é o medo momentâneo, criado por uma insegurança objetiva, como por exemplo: entrar pela primeira vez na água. Este medo é facilmente superado após a adaptação ao meio aquático.

2) *medo transferido* aquele que os pais passam para os filhos e não gostam de admitir, por exemplo: a mãe que não sabe nadar e sente muita insegurança em deixar seu filho na beira da piscina. Ela vai transmitindo para a criança, mesmo que de forma inconsciente, que a piscina é um lugar perigoso. Esse medo pode ser enfrentado de 2 maneiras: 1- a mãe aceitando isso e falando para o filho da sua dificuldade (mais ou menos aos 3 anos de idade, quando a criança já começa a entender), 2- durante as aulas,

conversando com a criança e fazendo com que vivencie situações que demonstrem o contrário.

3) *o trauma*, que é o medo mais castrador na água e pode ser causado por uma experiência negativa no aprendizado ou por acidente de afogamento.... No trauma existe uma lesão psicológica que bloqueia a vontade da criança de entrar em contato com a água e para superá-lo, devemos agir como no caso do medo transferido, tentando fazer com que experiências seguras tentem apagar a péssima experiência passada que vem á tona quando a criança revive a situação.

4) *ansiedade* ou *angústia*, que é um sentimento de divisão interna da vontade da criança. Isso pode acontecer quando usamos, ou melhor, os pais, usarem um tipo de motivação externa e negativa, como por exemplo: prometer um brinquedo caso a criança aprenda a nadar. Como isso não acontece de uma hora para outra, a criança sente que vai perder o brinquedo e perde a vontade de ir às aulas. Esse tipo de medo pode ser resolvido esclarecendo os pais das etapas da aprendizagem e que a recompensa deve ser diária e simples para a criança.

Finalizando, devemos sempre respeitar os medos da criança, tendo paciência e oferecendo muito amor e carinho para que ela vença esses medos e possa se desenvolver de forma harmônica e que as aulas de natação passem a ser um prazer para ela e não uma tortura e um sacrifício.

Apesar de todos os autores e todas as justificativas anteriores sobre a importância da presença dos pais durante as aulas para bebês, Y. Depelseener (1989) tem uma postura contrária a essa idéia. Considera que a presença dos pais, no início da aprendizagem é prejudicial por alguns fatores e os mais importantes são:

1) Consciência profissional, pois como hidrobio-felista, aceita todos aqueles que são confiados à sua responsabilidade e cabe aos pais confiar nessa profissão e nas capacidades dos que a praticam.

2) Falta de técnica profissional da aprendizagem da natação, mesmo sendo importantes as estreitas relações pais - filhos.

3) Transmissão, para a criança, do medo. Alguns pais sentem um medo tão excessivo da água que podem levar à angústia. É normal nos sentirmos inseguros nos braços de quem treme de medo.

4) Falta de preocupação e conhecimento da água. Pais que acham que tudo é fácil e pensam que estão absolutamente à vontade nela.

5) Os pais que acham que, porque leram muito e sabem tudo. Estes pais acabam suprimindo os reflexos positivos, especialmente o bloqueio respiratório, o equilíbrio dorsal e a motricidade primária.

Esse método apresentado por Y. Depelseeneer é baseado numa conduta geral, mas varia conforme as diversas categorias da criança e adapta-se evolutivamente a cada caso: “nada é estereotipado, tudo é individualizado, portanto é impossível dar conselho aos pais” diz Depelseeneer, “...sem antes termos estudado o passado do bebê (gravidez e parto) e seu comportamento geral na água.” (DEPELSENEER, 1989)

6- RESUMO DO DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE 0

• é atraído pela luz e cores vivas.

À 2 ANOS.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL/AFETIVO:

Após termos estudado todas essas fases do desenvolvimento da criança, tanto físico, quanto cognitivo e social, mostraremos a seguir, um resumo do desenvolvimento global da criança segundo GESELL(1974).

• fica especialmente atento ao rosto humano, principalmente da mãe.

1 MÊS:

4 MESES:

DESENVOLVIMENTO FÍSICO/MOTOR:

- os músculos contraem-se em extensão, quando tocados;
- as fibras e células nervosas fizeram novas conexões e aperfeiçoaram as antigas com órgãos internos e sistema muscular;
- os músculos do globo ocular assumem controle de direção;
- conseguem manter a cabeça virada para um dos lados;
- as mãos ficam geralmente fechadas;
- começa a agarrar objetos.

• agarra objetos que estão por perto, mas os solta logo;

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO:

- dá pontapés e vira-se do lado, sem ajuda.
- exprime suas exigências e desejos através do choro e da linguagem de sinais;

- seu comportamento é esquematizado e significativo;
- é atraído pela luz artificial e pelas cores vivas.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL/AFETIVO:

- sente segurança no contato com o corpo da mãe;
- ainda não está apto para uma estimulação social;
- fica especialmente atento ao rosto humano, principalmente da mãe.

4 MESES:

DESENVOLVIMENTO FÍSICO/MOTOR:

- mantém a cabeça ereta;
- fica sentado com apoio nas costas;
- move a cabeça de um lado para o outro, no berço;
- move os olhos e consegue fixá-los nos objetos;
- as mãos estão mais relaxadas e os dedos mais ativos;
- agarra objetos que estão por perto, mas os soltam logo;
- movimenta os braços ao encontro de objetos;
- dá pontapés e vira-se de lado, sem ajuda.

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO:

- torna-se mais expressivo;
- ri baixinho, dá gargalhadas;
- repara nos sons à sua volta e reconhece a voz da mãe;
- ao tocar-se com as mãos está se auto descobrindo.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL/AFETIVO:

- gosta de ver o movimento das pessoas da família;
- brinca sozinho, mas , as vezes, chora para solicitar atenção e estimulação;
- tem forte interesse pelo pai e também por crianças pequenas.

7 MESES:**DESENVOLVIMENTO FÍSICO/MOTOR:**

- pega, manuseia e explora as possibilidades de um objeto e consegue segurar um em cada mão;
- começa a usar o polegar, mas a coordenação delicada, fina, dos dedos ainda é grosseira.

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO:**DESENVOLVIMENTO COGNITIVO:**

- observa com interesse as atividades do lar;
- consegue conhecer os objetos por manuseá-los e lavá-los à boca e isto o deixa mais à vontade em seu ambiente físico;
- insensível ao receber líquidos e ser varrido.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL/AFETIVO:

- interpreta as expressões faciais, as atitudes posturais e a rotina doméstica;
- suas percepções sociais não são complexas, mas apuradas, esquematizadas e essenciais ao desenvolvimento de sua personalidade.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL/AFETIVO:

- gosta que lhe façam companhia.
- gosta de brincar de esconder-se nos seguros pelas duas mãos, deitar de barriga para baixo, desde que um adulto o coloque nestas posições.

10 MESES:**DESENVOLVIMENTO FÍSICO/MOTOR:****DESENVOLVIMENTO FÍSICO/MOTOR:**

- parece ter receio de vozes desconhecidas
- ao acordar, vira-se e fica em pé, no berço, segurando nas bordas;
- domina o polegar e o indicador, em forma de “pinça”;
- senta sozinho, dá pontapés, apanha brinquedos, passa da posição sentada a de rastejar;
- começa a deslocar-se.

DESENVOLVIMENTO FÍSICO/MOTOR:

- é capaz de sentar-se sozinho, mas prefere engatinhar.

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO:

- adquire noção de quantidade;
- adquire noções de oco, continente e conteúdo, de em cima e em baixo, de dentro e fora, junto e separado...;
- suscetível de receber lições e ser ensinado;
- aprende a bater palma e responder a um “adeus”.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL/AFETIVO:

- está mais perceptivo e discriminativo;
- é sensível a um número maior de acontecimentos em seu ambiente social;
- gosta que lhe façam companhia;
- gosta de brincar de esconder, dar passos seguros pelas duas mãos, deitar de barriga para baixo, desde que um adulto o coloque nestas posições.
- ainda é tímido com pessoas estranhas;
- parece ter receio de vozes desconhecidas.

1 ANO:

DESENVOLVIMENTO FÍSICO/MOTOR:

- é capaz de sentar-se sozinho, mas prefere engatinhar;

- vai de um lado para o outro e sobe nas coisas, se arranjar um bom apoio para as mãos;
- tem uma coordenação mais delicada das atividades de brincar e de comer.

15 MESES:

- Gosta de colocar coisas em cima da cabeça;
- brinca com objetos, coloca um dentro do outro.

DESENVOLVIMENTO FÍSICO/MOTOR:

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO:

- sobentão o engatinhar pelo andar;
- é capaz de mergulhar uma colher na xícara e soltá-la;
- há progressão no comando dos objetos e na geometria oca e maciça do espaço.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL/AFETIVO:

- o convívio social favorece uma organização saudável das emoções;
- gosta de ter auditório, de ser “o centro das atenções”;
- gosta de aplausos e faz brincadeiras que os outros riem. Isso ajuda a sentir sua própria identidade.
- está no momento de definir uma distinção psicológica difícil, a diferença entre ela e os outros;
- tem certas formas primitivas de afeto, ciúme, simpatia e ansiedade;
- pode ser sensível ao ritmo e ser um imitador prodigioso;
- gosta de brincar com adultos e outras crianças;

- demonstra afeto e carinho durante as brincadeiras.

- é necessário realizar um equilíbrio social entre ele e a sociedade;
- está quase pronto para **15 MESES:** recebe e o jardim de infância.

DESENVOLVIMENTO FÍSICO/MOTOR:

- substituiu o engatinhar pelo andar;
- abandona a mamadeira;
- tem energia motora forte, está constantemente ativo;
- atira os objetos para fora do cercado e gosta de brincar de bola.

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO:

- ainda com os pés afastados, pois ainda não tem muito equilíbrio;
- faz riscos com lápis imitando desenhos;
- ajuda a virar páginas de um livro, mas passa várias folhas de uma só vez;
- é exigente, incapaz de conter sua impaciência, quer fazer tudo sozinho;
- tem coordenação suficiente para montar objetos;
- consegue ajustar objetos cilíndricos em uma cavidade cilíndrica;
- tem vaga compreensão de figuras de um livro.

- não entende sobre o futuro, pois é imediatista;
- começa a ter noção de conclusão de uma tarefa;
- começa a ter uma forte noção de organização;

DESENVOLVIMENTO SOCIAL/AFETIVO:

- é necessário realizar um equilíbrio social entre ele e a sociedade;
- está quase pronto para frequentar a creche e o jardim de infância.

18 MESES:**DESENVOLVIMENTO FÍSICO/MOTOR:**

- tem uma energia locomotora muito forte. Sobe e desce escadas, brinca de pegar, anda de costas, corre...;
- ainda não é capaz de pedalar ou se manter em uma perna só;
- anda com os pés afastados, pois ainda não tem muito equilíbrio;
- não tem agilidade nos pulsos;
- tem dificuldade em coordenar os movimentos das mãos e dos pés.

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO:

- sua atenção é irregular. Está atenta ao “aqui e agora”;
- tem escassa percepção dos objetos distantes;
- tem fraca noção de direção;
- não entende sobre o futuro, pois é imediatista;
- começa a ter noção de conclusão de uma tarefa;
- começa a ter uma forte noção de organização;

- ela pensa mais com o corpo do que com palavras, pois seu vocabulário ainda é pequeno.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL/AFETIVO:

- ainda não consegue enxergar a outra criança como pessoa. Ela belisca, empurra, bate, como se a outra fosse um objeto de brincar;
- brinca sozinha por muito tempo e de costas para as outras crianças;
- observa muito e aprende pelos olhos;
- gosta de jogos de esconder mais complicados. Esse tipo de jogo ajuda a criar uma identificação própria;
- é muito egocêntrica. Tudo o que acontece tem relação com ela mesma e com suas atividades.

2 ANOS:

DESENVOLVIMENTO FÍSICO/MOTOR:

- aparecem os últimos dentes de leite;
- ainda não caminha em posição totalmente ereta: os cotovelos e joelhos são ligeiramente flexionados e as costas curvadas;
- se cair, bate primeiro a testa;

- sobe e desce escadas sempre com o mesmo pé, degrau por degrau;
- chuta bola, mas não consegue ficar numa perna só;
- gosta de correr, pular, empurrar, puxar...;
- a mastigação está mais fácil, pois os músculos da mandíbula já obedecem ao controle.

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO:

- maneja objetos com uma só mão e passa de uma para a outra;
- gosta de encaixar uma coisa dentro da outra;
- começa a falar, dizendo o nome das coisas, ajustando as palavras à ação e vice-versa;
- ainda não consegue aprender por palavras, precisa organizar a sua experiência mexendo, agarrando, apertando...;
- gosta de desmanchar e armar brinquedos.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL/AFETIVO:

- continua a preferir brincar sozinha;
- é uma fase pré-cooperativa que é mais de observação, do que as outras crianças fazem, do que de participação;
- não é capaz de partilhar, não deixa que ninguém brinque com aquilo que é dela;
- interessa-se pelas relações entre mãe e bebê;

- pode demonstrar dependência da mãe e exigir toda a sua atenção quando outras pessoas estiverem presentes;
- é tímido com relação aos estranhos, principalmente os adultos.

Quando realizado nas academias do município de Campinas- SP, resolvemos fazer uma pesquisa, frante a essas academias, de caráter não só qualitativo, mas também quantitativo.

Essa pesquisa foi realizada nos meses de outubro e novembro de 1998 junto a academias que trabalham com natação e ofereçam aulas para bebês.

A listagem das academias de natação foi fornecida pela secretaria de esportes da Prefeitura Municipal de Campinas- SP.

Ao todo, pudemos reunir cerca de 48 academias e escolas de natação e, de acordo com uma pesquisa via telefone, encontramos 26 estabelecimentos que trabalham com bebês, cerca de 60% do total. Através do sorteio entre estas academias, escolhemos 4 (amostra de 15%) para aplicar essa entrevista dirigida para pais e professores. Dessa entrevista consta 7 perguntas para pais e 3 para professores, todas diretas mas não de múltipla escolha, como pode ser encontrada nos anexos.

Uma vez colhidos os dados obtidos, pretendemos fornecer uma visão geral do que está sendo feito, com relação à natação para bebês.

Finalmente, alguns pontos levantados merecem um comentário maior, uma vez que esse trabalho pretende mostrar o que seria ideal, através de embasamento teórico no desenvolvimento psicomotor da criança, e o que é real, o que está realmente sendo feito durante as aulas, nas academias.

Também através do telefone, conseguimos levantar alguns dados com relação à organização das aulas, como idade de início, idade limite, duração das aulas e temperatura da água. Os dados foram os seguintes:

7- METODOLOGIA e PESQUISA.

Para conseguirmos ter uma visão geral do trabalho que está sendo realizado nas academias do município de Campinas- SP, resolvemos fazer uma pesquisa, frente a essas academias, de caráter não só qualitativo, mas também quantitativo.

Essa pesquisa foi realizada nos meses de outubro e novembro de 1998 junto a academias que trabalham com natação e oferecem aulas para bebês.

A listagem das academias de natação foi fornecida pela secretaria de esportes da Prefeitura Municipal de Campinas- SP

Ao todo, pudemos reunir cerca de 48 academias e escolas de natação e, de acordo com uma pesquisa via telefone, encontramos 26 estabelecimentos que trabalham com bebês, cerca de 60% do total. Através de sorteio entre essas academias, escolhemos 4 (amostra de 15%) para aplicar essa entrevista dirigida para pais e professores. Dessa entrevista consta 7 perguntas para pais e 8 para professores, todas diretas mas não de múltipla escolha, como pode ser encontrada nos anexos.

Uma vez colhidos os dados obtidos, pretendemos fornecer uma visão geral do que está sendo feito , com relação à natação para bebês.

Finalmente, alguns pontos levantados merecem um comentário maior, uma vez que esse trabalho pretende mostrar o que seria ideal, através de embasamento teórico no desenvolvimento psicomotor da criança, e o que é real, o que está realmente sendo feito durante as aulas, nas academias.

Também através do telefone, conseguimos levantar alguns dados com relação à organização das aulas, como idade de início, idade limite, duração das aulas e temperatura da água. Os dados foram os seguintes:

Idade de início nas aulas:

6 meses: 31,2%

abaixo de 6 meses: 6,2%

acima de 6 meses: 16,6%

Idade limite para permanecer na turma:

até 1 ano: 2,08%

até 2 anos: 12,5%

até 3 anos: 31,25%

até 4 anos: 4,1%

até aprender a ficar sozinho, sem os pais: 4,1%

Tempo de duração das aulas:

30 minutos: 97%

45 minutos: 1,5%

1 hora: 1,5%

Temperatura da água:

28 à 32 graus: 97%

acima de 32 graus: 3%

Posteriormente, analisaremos os dados coletados através das entrevistas dirigidas a pais e professores. Como as entrevistas não foram agendadas, o número de pais e professores entrevistados varia de academia para academia.

O primeiro ponto a discutir refere-se à escolha pela natação, onde a maioria dos pais cita a questão da segurança como um dos principais fatores dessa escolha, como podemos observar pelo relato abaixo, feito por um pai durante a entrevista:

“...por segurança, ...mas como no prédio tem piscina, eu achei que seria interessante, pelo menos ela saber mergulhar.” ou ainda, segundo outro pai:

“...acho importante a criança começar a nadar desde pequeno, porque se você tem piscina em casa, fica preocupado, você nem pode ter, porque vai que cai dentro da piscina, então, antes de fazer a piscina, tem que ensinar todo mundo a nadar.”

De acordo com os relatos, podemos observar que, no primeiro momento, os pais estão preocupados com a segurança de seus filhos e buscam a natação para bebês, para que ela forneça meios da criança não correr riscos ao cair em uma piscina, saber se virar e não se afogar.

Um outro ponto interessante, foi que alguns pais citaram que a natação seria um dos esportes mais completos, por isso resolveram colocar seus filhos.

“...por achar que a natação é um dos esportes mais completos...”

“...foi porque falaram que é um dos esportes mais completos, ...e para crianças da idade dela, eu acho que é o mais acessível...” e alguns pais ainda citam que a escolha pela natação foi para melhorar o desenvolvimento da criança:

“...dizem que a natação estimula o desenvolvimento...”

“...para melhorar a coordenação motora, o desenvolvimento em geral.”

O que nos surpreendeu durante a entrevista, foi que nenhum pai citou que o motivo da escolha foi para a criança aprender a nadar, o que confronta com o relato de alguns professores.

“...quando os pais nos procuram, esperam que o filho vá sair nadando em pouco tempo, isso tanto para o de 6 meses, quanto para o de 1 ano, quanto para o de 2 anos, independente da idade d criança...” o que nos faz pensar se eles não expressaram os verdadeiros motivo ao dar a entrevista e depois cobram dos professores que querem seus filhos nadando em pouco tempo ou se a análise e a impressão dos professores está equivocada.

Com relação à escolha da academia, a maioria disse que escolheu a mais próxima de casa, alguns pais ainda disseram que haviam feito pesquisa prévia e tentaram observar a estrutura física, os equipamentos e o trabalho que os professores realizavam, mas confessaram que acabaram escolhendo a mais perto de casa pela comodidade, de levar e buscar a criança.

“...a mais perto de casa, pois como trabalho fora, a babá poderia trazê- las...”

“...sim, pesquisamos em outras academias, mas acabamos escolhendo a mais perto de casa.”

“...procurei alguma coisa aqui perto e dentro do que fosse perto, alguma coisa que eu gostasse, do horário, do esquema...”

Alguns itens surgiram além da proximidade de casa, como por exemplo: a questão metodológica, indicação de amigo e o tipo de local onde ficava a piscina, se era totalmente ou parcialmente fechado.

Já o tempo em que a criança fazia natação é muito variado, têm bebês que fazem aulas há 1 mês, outros há 1 ano e outros ainda que começaram, mas pararam por algum tempo e agora retornaram.

Uma das perguntas feitas aos pais, foi com relação à evolução na aprendizagem, alguns não souberam responder, alegando que era a esposa ou outra pessoa que acompanhava o filho.

“...eu não tenho condições de responder, na verdade essa é a segunda vez que trago ela...mas o que me recordo, de declarações de minha esposa é que teve um período inicial, de referência de coleguinhas da escola...depois ele se desinteressou pela piscina...agora, mais recentemente...ele está mais interessado e mais desinibido.” e outros pais diziam que sim, que apesar do pouco tempo que faziam natação, tinham observado muitas evoluções na aprendizagem da criança.

“...sim, eu acho que melhorou muito e esse medo de água que ele tinha, ele já não tem mais.”

Um relato interessante foi o de uma mãe, que ao fazer a mesma pergunta, ela respondeu: *“...olha, ela é um caso meio a parte, porque ela não colocava a cabeça na água e a hora que molhava o rosto, saia para enxugar...”* mas posteriormente ela continua: *“...mas até que melhorou bastante, já molha a cabeça, depois de 1 ano...”*

O que pudemos perceber, com esses depoimentos, é que os pais esperam que a evolução seja espantosa, não dando muita importância para pequenas conquistas das crianças, e ainda, que os pais, homens, quase não participam dessa rotina de atividades de seus filhos, uma vez que não são eles que os acompanham às aulas de natação.

Finalmente, para os pais, foi perguntado o que eles esperavam das aulas de natação para bebês. Alguns se preocupavam com que o bebê aprendesse a se virar na água, outros a se desenvolver mais e ainda outros, que a criança se adaptasse à água, brincando...

“...só sobrevivência, se virar,, brincar sem ficar com medo, poder curtir...” e de todos os pais entrevistados, apenas um exprime uma preocupação mais global e toca num ponto que também contradiz o relato dos professores: “...eu não espero que ele aprenda a nadar, efetivamente, eu gostaria que ele aprendesse a se desenvolver melhor na água...que ele desenvolva a coordenação motora, não só a natação para bebês, mas a coordenação global.”

Com os professores foi aplicado um questionário com 8 perguntas para tentar confrontar idéias entre eles e os pais, ou melhor, o que os pais disseram na entrevista e o que eles falam aos professores de seus filhos.

Em relação ao número de alunos, a maioria das academias pesquisadas, da amostra, trabalha com 5 bebês por professor e quando tem mais de um, pode aumentar o número de alunos. A faixa etária também é bem variada, indo de 6 meses à 3 e até 4 anos. Em uma academia até uma criança de 5 anos estava participando da aula de bebê.

Um ponto que pareceu ser bastante dividido na opinião dos professores foi com relação à mudança de turma. Foi perguntado a eles, se uma criança poderia mudar de turma antes de atingir a idade da turma mais avançada. Alguns eram da opinião que sim, dependendo do desenvolvimento da criança: “...pode, se ela estiver mais adaptada...” outros diziam que se tratava de uma exceção, mas que não era feito com freqüência: “...é muito difícil isso acontecer...a gente só passa uma criança para outra turma se ela tiver condições para isso...” e outros diziam que não passavam, pois respeitavam a divisão das faixas etárias das aulas, podendo uma criança mais nova atrapalhar todo o desenvolvimento da turma mais avançada.

Uma vez que a maioria das academias trabalha com uma faixa etária de 6 meses à 3 anos, foi perguntado que tipo de trabalho era realizado, se eram feitos trabalhos diferentes, de acordo com cada idade. A opinião também foi bem diversa. Um professor nos diz que: *"...depende da dificuldade de cada um...quando tem mais dificuldade, vai mais devagar com ela, mas o processo é o mesmo."* E outro professor relata que: *"...a gente tenta fazer um trabalho diferenciado numa turma mista..., a criança tem uma liberdade maior, não é tão dirigida essa aula de bebê."* Um terceiro professor é categórico em sua afirmação: *"é feito o mesmo trabalho para todos."*

Outro fator analisado foi o tempo de duração das aulas.

Na maioria das academias, o tempo de duração das aulas de bebês é de 30 minutos, em algumas, o tempo varia de acordo com a idade das crianças, de 30 minutos à 1 hora, para os mais velhos, mas em apenas uma, a duração da aula era de 1 hora, para qualquer idade, tanto crianças de 6 meses, quanto crianças de 3 anos.

O que se pode observar é que a criança não presta atenção o tempo todo, principalmente se a aula é muito longa, pois a criança nessa faixa etária, de 0 à 2 anos é muito dispersa e perde o interesse e a atenção muito rápido, como podemos constatar pelo relato de um professor: *"...a criança não fica o tempo todo prestando atenção..., ela não consegue ficar prestando a atenção, nem o tempo todo e nem muito tempo em alguma coisa que você esteja falando..."*, mas apesar disso, alguns professores têm uma idéia diferente, *"...prestam, eu acho que é um tempo adequado,...porque você consegue prender a atenção mesmo é nesse tempo, de 20 à 30 minutos só, passou disso elas querem continuar na água, mas mais na recreação."*

Embora as perguntas sejam subjetivas e leva em conta a opinião de cada profissional, o que percebe-se é que as opiniões são contraditórias e o

que mais nos chama a atenção é que os dois relatos acima foram dados por professores que dão aula juntos, ou seja, há uma diferença de opinião profissional com a mesma turma, durante a mesma aula.

Um outro ponto abordado foi com relação à temperatura da água. Na maioria das academias, a água está em torno de 28 à 32 graus. Quando a pergunta anterior (se as crianças prestavam atenção o tempo todo) foi feita em uma determinada academia, o professor disse: "...não, quando a água está fria elas querem sair logo e a aula de 1 hora é muito longa e cansativa..."

Incluída nessa pesquisa, ainda abordamos o assunto relativo aos pais, qual é o papel esperado deles durante as aulas. Podemos concluir que, para todos os professores pesquisados, o papel esperado dos pais é que eles transmitam segurança para o filho, na sua própria atitude, uma vez que o pai representa um "Porto Seguro" para o filho, mas nem sempre é isso o que ocorre, pois alguns pais, que não tiveram vivência com natação, têm medo da água e acabam passando esse medo e essa insegurança para o filho, tanto durante a aula como fora dela, em casa.

"...que os pais não passem insegurança para os filhos, que através de segurar a criança ou acompanhar a criança,...tem que mostrar tranqüilidade, paz, segurança...tem aqueles pais que ainda não têm um jeito de segurar, ainda é meio inseguro, mas isso também vai pegando com o tempo, com as aulas."

"...tem pais que são muito ansiosos, se deixam levar demais pelo o que aparece em cartazes e eles realmente acreditam que a criança, em pouco tempo, vai sair nadando, até chegam a cobrar isso, que é uma coisa difícil de remediar."

E uma última pergunta, uma opinião pessoal, é: Qual é o objetivo da natação para bebês? Embora as opiniões sejam pessoais, a maioria dos

professores têm uma opinião semelhante, que a natação para bebês serve como adaptação ao meio líquido.

“...adaptação ao meio líquido, maior contato com o meio líquido...”

“...serve para a criança Ter um primeiro contato com a água e desse primeiro contato ela se sentir bem nesse meio...”

Apesar dessas opiniões semelhantes, alguns professores completam com outros fatores, como por exemplo: facilitador do convívio social, da relação afetiva com os pais e fornecer meios e estímulos variados para auxiliar o desenvolvimento motor da criança.

“...vai desenvolvendo mais o lado motor...”

“...quando ela já está mais adaptada ao meio líquido, então, é estimular, quanto à questão motora, possibilitando que a criança possa fazer os mais variados tipo de movimentos...e o contato mais próximo com os pais, talvez tem criança que é o único momento que passa mais perto do pai...geralmente o pai trabalha, a mãe, então estar lá pertinho, com o pai brincando, para ela é uma coisa super gratificante.”

“...desenvolver mais, até a parte social, com o convívio com as outras crianças...”

Com esses relatos, fornecidos pelas entrevistas dirigidas a pais e professores, podemos ter uma visão geral do que está sendo feito com os bebês, por parte dos professores e o quais os anseios e as expectativas dos pais frente a essa escolha pela natação.

Uma vez que essas perguntas e relatos foram analisados e discutidos, podemos perceber alguns pontos que merecem mais atenção de nossa parte, até com uma visão crítica, pois temos como embasamento e referência teórica a psicomotricidade.

a) *Evolução da criança:* Anteriormente, mostramos o relato de um pai que tratava a filha como “caso especial”, pois a criança, após 1 ano, conseguiu colocar o rosto na água.

Como os próprios professores disseram, tem pais que esperam que a criança saia nadando em pouco tempo e pôr ansiedade, acabam não respeitando, nem o tempo de aprendizagem da criança e nem os pequenos progressos que ela tenha feito. As vezes, eles são muito imediatistas e com isso acabam atrapalhando e até mesmo retardando o desenvolvimento da criança naquela atividade.

Seguindo o raciocínio do psicólogo B. F. SKINNER (MANNING, 1977), que propôs o estudou o condicionamento operante, podemos dizer que, quando há um reforço positivo para as ações da criança, ela é estimulada a repetir tal ação até que acaba assimilando- a e aprendendo- a, pois “a esquematização do reforço constitui uma parte importante do aprendizado instrumental. Para estabelecer rapidamente um comportamento desejado é preciso que ele seja recompensado sempre que ocorrer. Se as recompensas forem subitamente suspensas, o comportamento se extinguirá rapidamente.” (MANNING,1977)

b) *Participação dos pais, homens, nos acontecimentos educativos e sociais do filho:*

É sabido que a grande maioria dos pais, chefes de família, trabalham a maior parte do tempo, fora, e estão longe de casa. Isso acaba afastando o pai da convivência com seu filho, e não consegue acompanhar o desenvolvimento

a evolução da criança, não só dentro de casa, mas também em atividades extra escolares, como é o caso da natação.

A criança sente falta desse vínculo maior com o pai e isso pode acabar interferindo em seu desenvolvimento, tanto físico quanto emocional.

Esse ponto foi levantado pois alguns pais, em suas entrevistas, relataram que não tinham condições de responder a pergunta sobre “evolução na aprendizagem” uma vez que não eram eles que levavam seus filhos à natação.

Talvez, para melhorar esse quadro, fosse necessário fazer um trabalho de conscientização com os pais, para que eles vejam qual é a importância de sua presença e participação no crescimento de seu filho e assim, ele se torne mais ativo nas questões de criação e educação da criança, fornecendo estímulos e apoio, para que essa criança se desenvolva melhor e se torne mais confiante em si, encorajando-a a continuar seu caminho.

c) Padronização do trabalho nas aulas de bebê:

Tendo como referencial teórico a psicomotricidade, podemos afirmar que a faixa etária de 0 à 2 anos é uma faixa de muitas e rápidas modificações, tanto físicas, quanto cognitivas e sociais, então fica uma pergunta no ar: Como padronizar, fazer o mesmo trabalho com crianças de idades diferentes? Torna-se uma situação muito delicada, pois, uma vez que a criança nasce, ela é um indivíduo, e como tal, deve ter suas próprias características. Um profissional consciente, que trabalha com essa faixa etária, mais especificamente, com natação para bebês, deveria estar ciente e consciente dessas mudanças e propor um trabalho individualizado, respeitando

o tempo de desenvolvimento da criança, não aplicando uma “receita de bolo” para todos, como se todos fossem iguais.

Percebemos, com a pesquisa, que alguns profissionais têm essa proposta e essa consciência, de que cada criança é diferente da outra, e tentam fazer um trabalho diferenciado dentro da mesma aula, para que, nem o mais desenvolvido e nem o mais iniciante, saiam prejudicados a nível de desenvolvimento e de aprendizagem, mas o que se pode também perceber é que a maioria propõe o mesmo trabalho, o que é passado e cobrado de uma criança é o mesmo do que da outra, talvez pôr falta de conhecimento, o que não seria justificativa, uma vez que ele possui uma formação acadêmica, ou até mesmo pôr comodismo. O que nos resta saber é se esse método apresenta resultados positivos e satisfatórios, a meu ver, creio que não, pôr experiência própria e também pôr conhecer as etapas do desenvolvimento infantil e saber que cada idade tem uma exigência e uma necessidade diferente.

d) Liberdade para mudar de turma:

Com relação a esse assunto, muitas academias adotam a seguinte posição, o seguinte critério: a criança pode mudar de turma desde que já esteja bem desenvolvida. É complicado saber quando a criança está bem desenvolvida, pois ela pode estar bem desenvolvida para aquela turma em que ela está, mas talvez não esteja tão desenvolvida assim para a turma em que pretendem colocá-la.

Existem prós e contras, ou melhor, pontos positivos e negativos desse critério.

Como ponto positivo, podemos dizer que, se a criança não tiver apresentando evolução, não estiver se desenvolvendo mais na turma de bebê,

mesmo sendo feito um trabalho adequado, ela mudando de turma, passando para uma turma mais avançada e mais velha, talvez ela tenha a oportunidade de voltar a evoluir em sua aprendizagem, mas existem os pontos negativos, que a meu ver são bastante expressivos, como pôr exemplo: uma criança de 2 anos em uma turma de 4 à 7 anos, tanto poderá atrapalhar o desenvolvimento dessa turma quanto o seu próprio, uma vez que o período de desenvolvimento físico/ motor, cognitivo e social são diferentes. Além de estar prejudicando essa turma, poderá estar prejudicando a si mesma, pois se deparará com um esquema de aula bem diferente do que ela estava acostumada e também com crianças mais velhas, que podem causar medo e constrangimento para esse bebê que julgaram mais desenvolvido e apto a mudar de turma.

Pensando nesses pontos positivos e negativos, o que fazer? Creio que o ideal seria submeter a criança a uma fase intermediária, de adaptação à nova situação que ela está prestes a enfrentar. Se o trabalho com bebês estiver sendo individualizado, o próprio professor poderá ir alterando, aos poucos, o esquema de aula, para que a criança não leve um choque ao mudar de turma, mas se o trabalho estiver sendo padronizado, torna-se difícil, ou mesmo impossível submeter todas as crianças a esse tipo de mudança e adaptação.

Finalizando, creio que muitos outros pontos poderiam ser melhor discutidos ou aprofundados, pontos que seriam de interesse de outras pessoas, tanto leigas quanto profissionais, mas o objetivo do trabalho é dar apenas uma visão geral do que está sendo realizado nas academias do município de Campinas- SP e fornecer embasamento teórico para que esses ou outros pontos sejam encarados de forma crítica, não como uma "receita de bolo", para que outros profissionais possam usar para ministrar suas aulas.

8- CONCLUSÃO.

Após ter exposto, neste trabalho monográfico, os benefícios, risco e a importância da natação para beb s, e tendo como referencial teórico a psicomotricidade, creio que o objetivo proposto inicialmente, de fornecer uma visão geral do que está sendo feito nas aulas de natação para bebês nas academias do município de Campinas- SP, conseguido através das entrevistas dirigidas a pais e professores, foi atingido.

A partir desse fato, e levantados alguns pontos que chamaram a atenção e mostraram- se pertinentes ao estudo, tentei realizar uma discussão, ou melhor, uma análise crítica desse trabalho realizado com beb s e com a intenção de propor estratégias para melhorar e adequar à nossa realidade, como pôr exemplo: a cultura, as condições sócio- econ micas, o clima, a temperatura..., as aulas de natação para bebês.

Muitos outros pontos mereciam ser discutidos e analisados, mas o objetivo maior não era esse, mas sim fornecer subsídios para que futuros profissionais da área, que pretendem trabalhar com natação para bebês, possam ser mais críticos em seus atos, ao estruturar e planejar uma aula, para assim garantir o sucesso de uma feliz e adequada aprendizagem. Evitando assim traumas e desmotivação, tanto para os pais, que são espectadores ativos ou passivos, quanto para as crianç as, que são as mais beneficiadas com esse trabalho e com essa metodologia.

Creio que essa monografia constitui- se no ponto inicial para a formulação e a criação de uma nova metodologia, suprimindo pontos

negativos e aproveitando os pontos positivos, para que se adeqüe à realidade do ensino de natação para bebês em nosso país.

Segundo minha concepção, uma aula de natação para bebês deve levar em conta alguns pontos:

1) *Temperatura da água*: na região de Campinas- SP, como a temperatura, ao longo do ano é relativamente quente, a água deve estar entre 28 e 30 graus centígrados, pois abaixo ou acima desta temperatura o desenvolvimento da criança será prejudicado devido a fatores descritos no item 2.2 do capítulo 2 e também no capítulo 3.

2) *Tempo de duração das aulas e divisão das turmas*: para que não prejudiquemos e respeitemos as etapas do desenvolvimento natural da criança dividiríamos as turmas da seguinte forma:

**BEBÊ I*: de 6 meses a 1 ano, com um tempo de duração da aula pôr volta de 30 minutos, onde os pais participariam das aulas pelo fato desta fase ser de adaptação ao meio líquido e às outras pessoas que não fazem parte do convívio social da criança.

**BEBÊ II*: de 1 ano à 1 ano e meio (18 meses), com um tempo de duração das aulas pôr volta de 40 minutos. Nesta fase, que já não é tanto de adaptação, a presença dos pais pode ser diminuída, passando a ser cada vez mais esporádica, para que na próxima fase, a criança permaneça sozinha na piscina, apenas com a presença do professor.

**BEBÊ III*: de 1 ano e meio à 2 anos, com uma duração de 50 minutos à 1 hora de aula, não passando disso e sem a presença dos pais durante as aulas, uma vez que a criança já está adaptada ao meio líquido e ao convívio com outras pessoas que não sejam seus pais.

ambiente 2) *Metodologia e materiais*: na primeira fase, BEBÊ I, como é uma fase de adaptação, devemos propor exercícios e brincadeiras orientando os pais de como eles devem proceder, mesmo porque, a criança ainda não entende a linguagem e não conhece o professor. Desses exercícios devem constar: flutuações, ventrais e dorsais, deslizos e deixar a criança o mais livre possível, mas nunca perdendo o contato com o corpo dela para que não a assuste. O tempo inteiro da aula o pai deve conversar com a criança, e de maneira nenhuma transmitir medo ou receio de algum movimento. Os gestos devem ser firmes para demonstrar segurança e confiança para a criança. Deve-se usar brinquedos variados e muito coloridos, para que a criança fique entretida com a brincadeira e também utilizar de músicas, para estimular os 5 sentidos dela.

Na segunda fase, BEBÊ II, o pai já não vai estar tão presente quanto antes, mas deve estar pôr perto para que a criança fique confiante com a sua presença. Nesta fase devemos utilizar todos os exercícios da fase anterior e acrescentar exercícios de imersão e pequena propulsão, como batimento de perna e movimento de braços. As músicas e os brinquedos ainda devem fazer parte das aulas, pois a criança deve aprender de forma lúdica e divertida, para que não perca o interesse pela atividade.

Pôr fim, na última fase, BEBÊ III, a presença do pai vai ser totalmente dispensada, pela própria criança, pois ela já está mais confiante e independente, já fez amizade com os coleguinhas e com o professores. As atividades e os exercícios devem ser os mesmos mas com uma exigência um pouco maior. Os exercícios de propulsão de perna e braços já são mais enfatizados e a imersão e a flutuação deve fazer parte de todas as aulas para que a criança se acostume e automatize esses movimentos. As brincadeiras não devem ser deixadas de lado e devem levar em conta as condições do meio

ambiente e social que a criança vive, pois quanto mais reais as brincadeiras pareçam, mais as crianças aprendem e se identificam com essas brincadeiras.

Creio que, com esses passos, as crianças estarão aptas para o início da aprendizagem dos 4 estilos, cada um à seu tempo, pois devemos ter bom senso e conhecimento das particularidades e dificuldades de cada criança para que possamos lhe propor uma nova atividade e uma futura mudança de turma.

Uma fato a ser observado é que, em nenhum momento dessas três fases da natação para bebês, devemos cobrar resultados das crianças, pois são fases de adaptação a coisas novas, movimentos novos, meio ambiente novo, devemos deixá-las a vontade para que se exercitem e se divirtam, para posteriormente, sentirem prazer pela aprendizagem da natação.

19-21, maio, 1995.

BARBOSA, Juliana F. *Você pode levar seus bebês à natação.* *Nadar*, São Paulo, p. 8-9, fev., 1995.

BEBÊS não têm medo d' água. *Nadar*, São Paulo, Ano X, N. 96, p. 19-20, março, 1996.

BEB, Helen. *A criança em desenvolvimento.* 3ª ed., São Paulo, Harbra, 1984.

BRESGERS, Lothar. *Natação para o meu nenê.* Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980. Tradução de Maria Lenk.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- AJURIAGUERRA, J. de. *Manual de psiquiatria infantil*, 2^a ed., Masson, 1995.
- ANDRIES JR. Orival. *Natação para bebê*. Sprint, Rio de Janeiro, — Ano VI, N. 4, p. 201-2, jul./ ago., 1987.
- ANTES de andar, eles já nadam. Nadar, São Paulo, Ano X, N. 86, p. 19-21, maio, 1995.
- BARBOSA, Juliana J. *Você pode levar seus bebês à natação*. Nadar, São Paulo, p. 8-9, fev., 1995.
- BEBÊS não têm medo d' água. Nadar, São Paulo, Ano X, N. 96, p. 19-20, março, 1996.
- BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*. 3^a ed., São Paulo, Harbra, 1984.
- BRESGES, Lothar. *Natação para o meu neném*. Rio de Janeiro, Ao livro técnico, 1980. Tradução de Maria Lenk.

DAMASCENO, Leonardo G. *A natação para crianças de dois à quatro anos.* Sprint, Rio de Janeiro, Ano V, N. 05, p. 232-35, set./ out., 1986.

GESBELL, Arnold. *A criança de 0 aos 3 anos.* 2 ed., São Paulo, Manoel Foa, *Para ter uma criança saudável. Pôr uma reflexão metodológica na natação para bebês.* Nadar, São Paulo, Ano I, N. 2, 1986.

LEAL, Jean. *O desenvolvimento psicomotor do nascimento aos 6 anos.* 7 ed., Porto Alegre, Artur Médica, 1982. Trad. por Ana Curi, *Uma crítica à natação para bebês.* Nadar, São Paulo, p. 5-8, nov., 1992.

MANNING, Sidney A. *O desenvolvimento da criança e do adolescente*, *A postura dos professores e das escolas de natação frente ao papel da família nas aulas para bebês.* Sprint, Rio de Janeiro, Ano VII, N. 40, p. 48-50, nov./ dez., 1988.

_____, *Natação para bebês: a observação do desenvolvimento da criança e a avaliação de sua aprendizagem.* Sprint, Rio de Janeiro, Ano XIII, N. 72, p. 10-16, maio/ jun., 1994.

POR QUE a natação é boa para os bebês? Nadar, São Paulo, Ano DEPELSENEER, Y. *Os bebês nadadores e a preparação pré-natal aquática.* São Paulo, Manole, 1989.

VELASCO, Cecília G. *Natação segundo a psicomotricidade.* RIO ESCOLA promove evento para bebês. Nadar, São Paulo, Ano V, N.

FONTANELLI, Marília S. *Natação para bebês: entre o prazer e a técnica*. 2ª ed., São Paulo, Ground, 1985.

GESELL, Arnold. *A criança dos 0 aos 5 anos*. 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1989.

LE BOULCH, Jean. *O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos*. 7ª ed., Porto Alegre. Artes Médicas, 1982. Trad. pôr Ana Guardiola Brizolara.

MANNING, Sidney A . *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. São Paulo, Cultrix, 1977.

NASCIMENTO, Rodrigo. *A natação- nosso esporte arte*. Belo Horizonte, Centro Gráfico e Editora Ltda., 1984.

PIKUNAS, Justin. *Desenvolvimento humano: uma ciência emergente*. 3ª ed., São Paulo, MacGraw Hill do Brasil, 1979.

POR QUE a natação é boa para os bebês? Nadar, São Paulo, Ano VIII, N. 67, p. 8-9, out., 1993.

VELASCO, Cacilda G. *Natação segundo a psicomotricidade*. Rio de Janeiro, Sprint, 1994.

ANEXOS.

ENTREVISTA DIRIGIDA

Entrevistados: PAIS OU RESPONSÁVEIS.

QUESTÕES:

1) *Quais fatores determinaram a escolha pela natação?*

- *indicação médica;*
- *segurança para o bebê, no caso de ter piscina em casa ou no clube;*
- *maior estimulação para melhorar o desenvolvimento global da criança;*
- *pais faziam natação antes...*

2) *Fez pesquisa prévia nas academias antes de escolher uma? Ou procurou a mais perto de casa?*

3) *Quais os itens que procurou em uma academia? (caso tenha feito pesquisa)*

- *estrutura física, equipamentos;*
- *temperatura da água;*
- *número de alunos por turma;*
- *duração da aula;*
- *formação do profissional...*

4) *Há quanto tempo o bebê faz natação?*

5) *Com que idade a criança iniciou as aulas de natação?*

6) *Tem sido observado evolução na aprendizagem do bebê?*

ENTREVISTA DIRIGIDA

Entrevistados: PROFESSORES.

QUESTÕES:

- 1) *Quantos alunos há por turma?*
- 2) *Qual a faixa etária?*
- 3) *Faz o mesmo trabalho, durante as aulas, com crianças de idades diferentes?*
- 4) *Quando os pais o procuram, o que eles esperam da natação para bebês?*
- 5) *Crianças mais desenvolvidas podem mudar de turma antes de atingir a idade da turma mais avançada?*
- 6) *De acordo com a temperatura da água e o tempo de duração das aulas, como as crianças se portam? Prestam atenção o tempo todo e realizam os exercícios propostos?*
- 7) *Para vocês, qual é o papel esperado dos pais durante as aulas? E isto é o que ocorre?*
- 8) *Qual é o objetivo da natação para bebês, ou ainda, para que serve a natação para bebês, na sua opinião?*



FOTO 1.

FOTO 3.

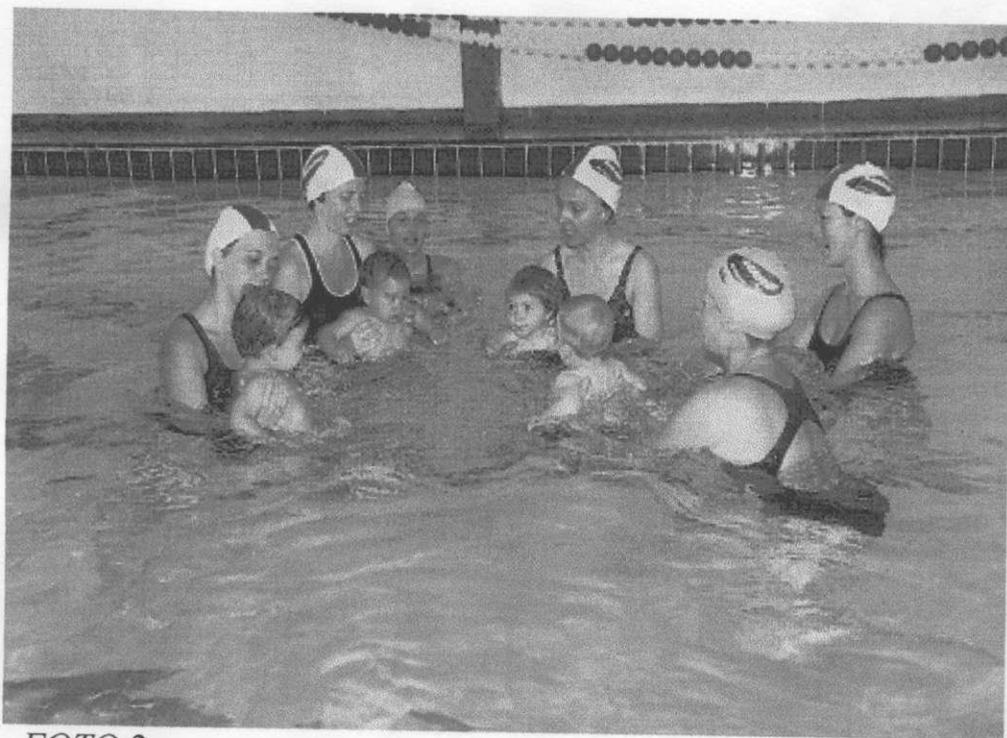


FOTO 2.

FOTO 4.



FOTO 3.

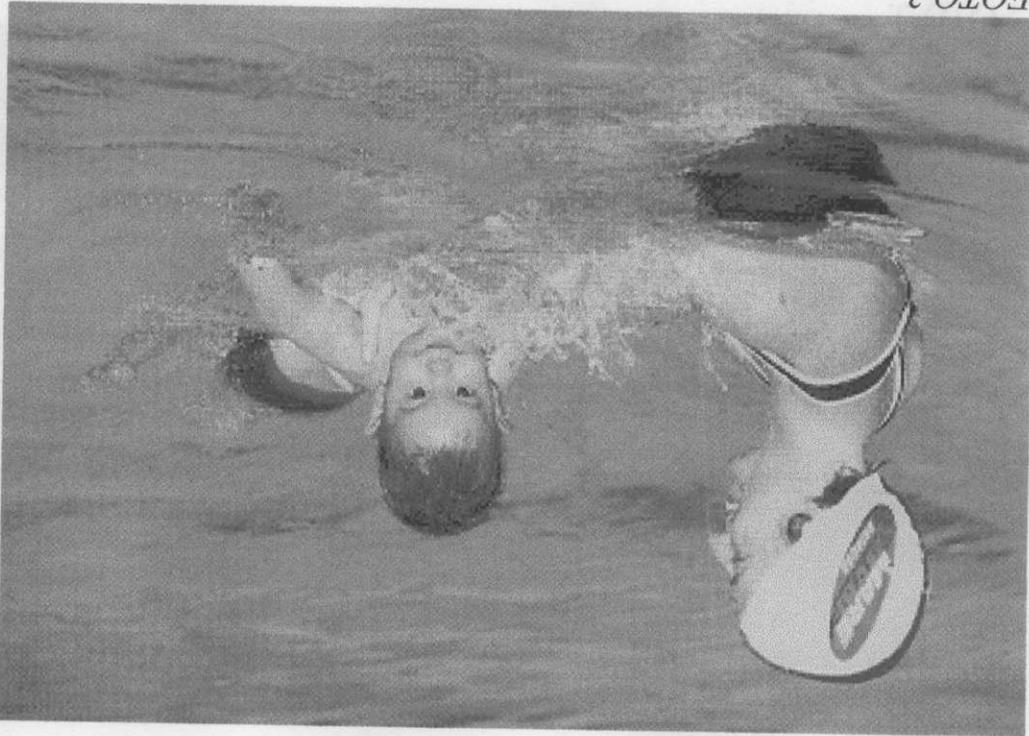


FOTO 6.



I. BROWN/CONTOUR

os bebês e o prazer da água
Nas atividades lúdicas (abaixo),
sozinho, com a proteção da bola
(ao lado) ou com alguém da
família, o importante é
transmitir carinho e segurança.



I. BROWN/CONTOUR



T. HONAN/CONTOUR

FOTO 5.

